



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM
CURSO DE JORNALISMO**

CAROLINA GOMES VIEIRA

**JORNALISMO INVESTIGATIVO: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL**

**CAMPINA GRANDE
2020**

CAROLINA GOMES VIEIRA

**JORNALISMO INVESTIGATIVO: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito para obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção Jornalística

Orientadora: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes
Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2020**

CAROLINA GOMES VIEIRA

JORNALISMO INVESTIGATIVO: UM CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL

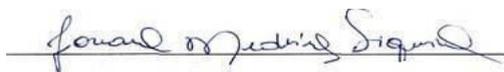
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Jornalismo.

APROVADO EM: 02 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Ma. Jonara Medeiros Siqueira
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE)



Profª Dra. Verônica Almeida de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha amada mãe, **Silvania Gomes**,
toda a dedicação, incentivo e amor,

Dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, à minha mãe, **Silvania Gomes**, minha primeira e maior inspiração de força de vontade, determinação e persistência para realizar qualquer coisa a que se propõe fazer. Seu incentivo e apoio sempre foram fundamentais e a base para minha trajetória desde o primeiro contato com os estudos, até a descoberta de minha profissão e durante todo o caminho de dedicação a ela. Obrigada por sempre lutar para que eu conseguisse concluir meus estudos e por buscar sempre o melhor para mim, você me passou a verdadeira vontade de sempre buscar me melhorar.

De extrema importância também foi o trabalho do jornalista **Caco Barcellos**, influência para a escolha do tema devido à sensibilidade e competência presentes em sua carreira, e passadas a mim através da reportagem sobre os Refugiados que entraram clandestinamente na Europa, veiculada em 2015, no Profissão Repórter, que demonstrava o enorme sofrimento daqueles que têm o seu lar destruído pelo infortúnio da guerra. Esta reportagem de tamanha humanização e notoriedade despertou em mim o interesse pelo Jornalismo, visto que a minha maior vontade era fazer, através de minha profissão, algo que ajudasse o mundo a melhorar, e ao assistir àquela realidade, busquei pesquisar na mesma hora a respeito do que acontecia e foram nas várias horas da madrugada em que passei investigando que me vi jornalista.

À professora **Ada Kesea Guedes Bezerra**, por todos os ensinamentos acerca das técnicas, formas e caminhos da reportagem, que estimularam, durante o curso, a minha busca por conhecer cada vez mais este tipo de produção. Agradeço imensamente por toda a orientação, disposição, versatilidade e respeito com que assumiu a desafiadora e trabalhosa função de me orientar em todas as etapas do processo de leitura, pesquisa e escrita para a elaboração desta monografia, que é não só um trabalho acadêmico como também parte de minha busca incessante por respostas neste mundo de possibilidades para a investigação.

À minha avó **Inêz Alexandre**, por toda a força, apoio e acolhimento e por me auxiliar sempre com quaisquer necessidades nos momentos mais difíceis e desafiadores.

Ao meu avô, **Severino Justino**, por toda a perseverança ensinada a mim ao observar seu comportamento perante as dificuldades.

Às minhas tias, **Ilza, Silvaneide e Cleonice**, por todo o incentivo que sempre me deram à educação e a seguir meu caminho e não desistir de meus sonhos, e ao meu tio **Silvio**, por compartilhar comigo a apreciação pelos momentos silenciosos e encantadores da vida, os quais servem de combustível para nunca se limitar em busca de melhorias.

À minha prima, **Camilla Barbosa**, por ser um pontinho de luz e me contagiar com sua alegria sempre que preciso.

Aos dois anjos que fazem parte da minha, **Sirius e Genevieve**, meus animais de estimação, dois seres que mesmo não podendo falar, me concederam imensurável força e companheirismo em cada um dos momentos que necessitei de apoio.

Às minhas amigas, **Jéssica, Nayanne, Camila e Amanda**, pelos anos de amizade verdadeira, inquietantemente incentivadora e pelo apoio e companheirismo nesta caminhada, nos momentos alegres e nos momentos árdus.

À Márcio Furtado, pela oportunidade conferida a mim de estágio na **Rádio Cariri Fm**, momento que serviu de grande aprendizado e entusiasmo para me formar e ser uma jornalista competente.

Aos professores do Curso, em especial, **Ana Sousa, Rostand Melo, Antonio Simões, Jameson Campos, Cássia Lobão, Fernando Firmino, Fábio Silva e Rômulo Azevedo**, que contribuíram para o meu aprendizado de forma inovadora e inspiradora ao longo do curso, através de sua dedicação em ensinar o conteúdo necessário e essencial para a formação dos alunos.

Às professoras **Jonara Medeiros e Verônica Almeida** por terem aceitado o convite para compor a banca, por concederem uma enorme contribuição no meu aprendizado acadêmico, a qual me guiou até esta pesquisa, e também por toda a inspiração, amor e convívio educativo durante os momentos que partilhamos juntas.

A todos vocês minha enorme gratidão.

*“A maior qualidade de um repórter
inquietude intelectual. As coisas estão bc
Podem ficar melhores.”
Caco Barcellos*

RESUMO

O fazer jornalístico é majoritariamente associado ao gênero notícia. Isso se deve à própria estrutura voltada ao mercado e ao contexto social em que o próprio jornalismo surgiu. A perspectiva diferenciada do jornalismo investigativo, abordada neste artigo, é de grande importância para a produção de reportagens aprofundadas que causem um real impacto na sociedade em que vivemos. O presente trabalho propõe trazer discussões acerca de sua conceituação enquanto área especializada e, portanto, diferenciada, e elucidar os aspectos e práticas que fazem do gênero jornalístico reportagem um meio fundamental para a transformação social, através do aprofundamento de apuração, narração e checagem dos acontecimentos a serem noticiados. Parte-se da premissa de que a reportagem aprofundada se constitui alternativa de transformação social proporcionada pelo meio jornalístico. Para tal fim, foram elencadas duas reportagens do Profissão Repórter como modelo ideal na trajetória do jornalismo investigativo brasileiro: *Refugiados que entraram na Europa clandestinamente*, de 2015, e *Rompimento da barragem de Brumadinho*, de 2019. As duas produções foram analisadas à luz do Estudo de Caso, metodologia explicativa e exploratória utilizada para levantamento bibliográfico, análise de exemplos para compreensão de um argumento e explicação de fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de um fenômeno. Os autores que respaldam esta pesquisa são: Fortes (2005); Guirado (2004); Lima (2004); UNESCO (2013), dentre outros. Dentre os resultados obtidos neste trabalho, vale citar que foi possível estabelecer um referencial teórico capaz de elucidar discussão quanto aos elementos, aspectos e características do jornalismo investigativo no Brasil, e ainda apreender como esse conjunto de aspectos e práticas se efetivam ao compor narrativas humanizadas e criteriosas como as produzidas pelo jornalista Caco Barcellos e sua equipe de repórteres.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo. Reportagem aprofundada. Profissão Repórter. Caco Barcellos. Transformação social.

ABSTRACT

The journalistic practice is mostly associated with the news genre. This is due to the market-oriented structure and the social context in which journalism itself emerged. The different perspective of investigative journalism, addressed in this article, is of great importance for the production of in-depth reports that have a real impact on the society in which we live. The present work proposes to bring discussions about its conceptualization as a specialized and, therefore, differentiated area, and to elucidate the aspects and practices that make the report journalistic genre a fundamental mean for social transformation, through deepening the investigation, narration and verification of the events to be reported. It starts from the premise that in-depth reporting is an alternative for a social transformation provided by the journalistic medium. To that end, two reports by Profissão Repórter were listed as an ideal model in the trajectory of Brazilian investigative journalism: *Refugees who entered clandestinely Europe*, in 2015, and *The Brumadinho dam rupture*, in 2019. Both productions were analyzed in the light of the Case Study, explanatory and exploratory methodology used for the bibliographic survey, analysis of examples to understand an argument and explanation of factors that determine or contribute to the occurrence of a phenomenon. The authors who endorse this research are: Fortes (2005); Guirado (2004); Lima (2004); UNESCO (2013), among others. About the results obtained in this work, it is worth mentioning that it was possible to establish a theoretical framework capable of elucidating a discussion regarding the elements, aspects and characteristics of investigative journalism in Brazil, and also to learn how this set of aspects and practices are carried out when composing humanized and judicious narratives as those produced by journalist Caco Barcellos and his team of reporters.

Keywords: Investigative Journalism. In-depth reports. Profissão Repórter. Caco Barcellos. Social transformation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2 - PERCEPÇÕES SOBRE JORNALISMO INVESTIGATIVO E REPORTAGEM APROFUNDADA	12
2.1 Jornalismo Investigativo – À Guisa de um Conceito	12
2.2 Reportagem: O Caminho para a investigação	17
2.3 Caco Barcellos e a busca pela reportagem Investigativa	21
CAPÍTULO 3 - PROFISSÃO REPÓRTER, UM EXEMPLO DA CONJUNTURA INVESTIGATIVA BRASILEIRA	26
3.1 Profissão repórter, um breve histórico	26
3.2 O Caso de Brumadinho: Um Crime Ambiental já Previsto Antes	27
3.3 Refugiados – Histórias De Peregrinação E Incertezas	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	59

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo principal destacar os aspectos e práticas que fazem do gênero jornalístico reportagem um meio fundamental para a transformação social, através do aprofundamento de apuração, narração e checagem dos acontecimentos a serem noticiados. Dentro do contexto de produção jornalístico brasileiro, a ideia é explicar como isso é feito mostrando a contribuição do jornalismo investigativo e suas reportagens aprofundadas para entender determinados contextos da nossa sociedade.

Sustenta-se a premissa de que a investigação é o cerne para um jornalismo que busca entender as dinâmicas sociais e promover o desenvolvimento humano proposto por suas produções para a reflexão da sociedade, o que culmina em fomentação da conscientização e, logo, em transformação social. Como corolário dessa hipótese, levantamos uma outra, a de que o programa jornalístico Profissão Repórter, dirigido pelo Caco Barcellos pode ser considerado exemplo do bom jornalismo de profundidade, e quiçá, expoente dessa modalidade no país.

Para tanto, foram selecionadas e analisadas as reportagens *Rompimento da barragem de Brumadinho*, com duração de 38 minutos transmitida em 24 de abril de 2019, e *Refugiados na Europa*, com duração de 36 minutos exibida no dia 01 de dezembro de 2015. A primeira destas produções foi selecionada para esse estudo pela atualidade da exibição e repercussão do caso tanto em âmbito nacional como internacional, já a segunda, devido à grande aproximação da autora com o tema abordado, pois foi esta reportagem que, ao ser assistida, instigou o âmago investigativo que esperava para se revelar enquanto o melhor propósito para a jornada profissional da autora.

Como método foi utilizado o Estudo de Caso por ser um tipo de pesquisa que abrange os aspectos examinados com abordagens específicas de coleta e análise de dados, na busca por entender a forma e o motivo com os quais levou-se a uma determinada decisão (YIN, 2001). Útil justamente para fenômenos amplos e complexos e que não podem ser estudados fora do contexto em que ocorrem, o estudo empírico busca testar uma teoria, dispondo de três tipos: exploratórios, descritivos e analíticos. Ainda se faz necessário que se apresente diferentes visões teóricas do assunto abordado. Assim, é a metodologia ideal para gerar uma base que sirva de orientação para as discussões propostas neste trabalho.

Desta forma, a monografia foi estruturada em dois capítulos.

O primeiro contempla a discussão teórica sobre o Jornalismo Investigativo ser considerado uma área especializada ou não, e a diferenciação entre notícia e reportagem.

Ainda se esboça a trajetória do jornalista Caco Barcellos em razão do reconhecimento de seu nome enquanto um dos mais destacados repórteres investigativos brasileiros.

Já o segundo contempla a apresentação do programa Profissão Repórter, importante exemplo na trajetória do jornalismo investigativo brasileiro, e a análise de duas de suas reportagens, sendo a princípio, abordada a reportagem sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, da empresa de mineração Vale, em 25 de janeiro de 2019, produção que foi ao ar em 24 de abril de 2019 cobrindo o maior acidente de trabalho no Brasil em perdas de vidas humanas. Sequencialmente, é abordada a reportagem veiculada em 01 de dezembro de 2015 sobre os refugiados que entraram clandestinamente na Europa. A produção debruça-se sobre o drama da travessia de mais de 860 mil refugiados pelo mar Egeu em busca de fugir da guerra e chegar ao Ocidente, atravessando seis países durante meses.

Para a criação desta monografia é importante elucidar a aproximação de sua idealizadora com a produção de reportagens aprofundadas que, por meio da investigação obstinada, firmam um encargo de exercer função social com a prática jornalística.

Para trabalhar com a arte da investigação, uma das maiores inspirações é a história do personagem Sherlock Holmes, criado pelo escritor Arthur Conan Doyle, que o desenvolveu com uma personalidade marcante e altamente inteligente, justamente por dedicar-se ao que o próprio autor chama de “Ciência da Dedução e Análise”, assunto abordado por Ciça Guirado em seu livro *Reportagem: a arte da investigação*. Ela usa deste aporte ficcional, porém extremamente relevante e atemporal, para indicar o quanto é importante saber que “não há receitas para se fazer jornalismo e cada caso a reportar mostra o caminho melhor de sua investigação” (GUIRADO, 2004, p.65). Assim, a maior lição a ser aprendida é a de sempre examinar todos os detalhes, aspectos e elos de um acontecimento para desvendar a natureza do fato.

Alicerçado no estudo dos temas “jornalismo investigativo” e “reportagem aprofundada”, através de falas de autores que se dedicam a entender a área e também a fazê-la, pôde-se compreender neste trabalho as ligações e conexões entre este tipo de produção jornalística e o desenvolvimento de discussões emergentes, diversificadas e fundamentais para a sociedade contemporânea atual.

CAPÍTULO 2 - PERCEPÇÕES SOBRE JORNALISMO INVESTIGATIVO E REPORTAGEM APROFUNDADA

2.1 Jornalismo Investigativo – À Guisa De Um Conceito

O jornalismo investigativo surgiu nos Estados Unidos, no pós-Segunda Guerra Mundial, a partir do ano de 1955. Foi quando os jornalistas norte-americanos passaram a exercer postura crítica ao governo dos EUA, em consequência da participação na Guerra do Vietnã. Um dos marcos mais famosos do Jornalismo Investigativo é o Caso Watergate,¹ quando um grupo de cinco pessoas, ex-agentes da CIA, realizou uma escuta ilegal na sede do partido democrata, no Edifício Watergate, e dois repórteres do jornal The Washington Post trabalharam incansavelmente em uma investigação que retirou do poder o ex-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. (FORTES, 2005).

Já no Brasil, o *boom* da investigação jornalística veio com o fim da ditadura militar (1964-1985), o que não existiu neste período devido à forte censura e à repressão resguardada na imprensa que sufocou algumas iniciativas, como a matéria do *Estadão*, “*Assim vivem os nossos superfuncionários*”, denunciando os privilégios dos ministros e de outros funcionários instalados do setor público.²

Com a redemocratização do país em 1985, e com a Era Collor a partir de 1990, junto com o recente advento da internet, foi que os jornalistas puderam buscar abordar os fatos mais livremente e os métodos de investigação tornaram-se organizados dentro das redações, impulsionados mais fortemente ainda pelos sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992 no governo Collor. Para Fortes (2005) este caso de corrupção política foi um marco no Brasil, um caso que se assemelha ao Watergate.

Mesmo diante desse contexto, a classificação do jornalismo investigativo como uma área especializada do jornalismo ainda não é um consenso e possui suas controvérsias. Alguns jornalistas, especialmente os das antigas gerações, consideram que para a produção de toda e qualquer reportagem há investigação, em decorrer da apuração dos fatos, sua edição e posterior divulgação. O jornalista Ricardo Noblat (2012) é um dos que apontam como redundância o uso do termo jornalismo investigativo. “Embora consagrada, acho redundante a

¹ Conforme Manual de Jornalismo Investigativo da Unesco, este foi “o momento que definiu de modo decisivo a história do gênero”. (UNESCO, 2009, p. 10).

² Ver em: “A denúncia da mordomia”, texto publicado em Mordomias. Disponível em: <https://bit.ly/3ntLZdc>
Data de acesso: 16/11/20.

expressão ‘jornalismo investigativo’, ou ‘jornalismo de investigação’. Porque todo jornalismo pressupõe investigação”.³

O jornalista Eugênio Bucci, um dos mais conceituados pesquisadores da imprensa em atividade no Brasil, presidente da Radiobrás, define o jornalismo investigativo como uma “modalidade especializada” que teria se desenvolvido dentro do ofício a partir de uma imposição da burocracia e de muitas das máfias nacionais que colocaram sobre o direito de informação uma cortina de fumaça – maligna e maliciosa – capaz de barrar o direito de saber de todo cidadão. (FORTES, 2005, p.15).

Já outros consideram que o jornalismo investigativo refere-se especificamente à prática da reportagem especializada, de maneira aprofundada, e alguns diriam até que é uma constante luta contra o *status quo*. O gênero seria, para estes, um investimento profundo em desvendar mistérios e fatos ocultos do conhecimento público, o que por sua vez implica na investigação minuciosa dos fatos, e dos seis elementos do lead, pelo tempo que for necessário, até elucidar todos os ângulos, pontos de vista e personagens envolvidos no fato abordado e que, por esta razão, difere-se completamente do trabalho realizado nas redações de noticiário.

De fato, a conotação investigativa, precisamente, não tem nada a ver com a rotina do noticiário factual e cotidiano e suas rotinas produtivas, mas sim com ações diferenciadas do formato de TV comercial que se forjou no país, que ditam as regras sobre consumo de informação e demais comportamentos, e acabam forjando o entendimento dos cidadãos, pois estes vêem a informação como dada de bom grado e confiável. Ao contrário, uma abordagem investigativa concerne, em sua grande maioria, a um detalhamento de apuração a assuntos que foram notícia nos meios de comunicação assim que sucederam, e atribui a essa narrativa todos os aspectos e lados do acontecido para só então disponibilizá-la ao público.

Para Marcelo Beraba, *ombudsman* da *Folha de S.Paulo* e presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), a expressão ‘jornalismo investigativo’ “tornou-se uma qualificação específica para as reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração. Aquela que exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e recheagem”. O jornalista afirma ainda que trata-se de uma atividade marcada pela “busca incessante por documentos e provas” (BERABA apud FORTES, 2005, p.15). Tal perspectiva vai ao encontro do que versa o Manual de Jornalismo Investigativo da Unesco.

³ Ver em: “Sem investigação não há jornalismo”, artigo publicado em Observatório da Imprensa. Disponível em: <https://bit.ly/3ps34pw> Data de acesso: 17/09/20.

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados. A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, empresas etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não, passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do(a) repórter (e por isso ela é frequentemente chamada de “cobertura empreendida” – em inglês, “enterprise reporting”). (UNESCO, 2009, p.10).

No Brasil, os níveis teórico e metodológico da temática vêm através de estudos na área e da ação de alguns atores sociais. Em 2002, a criação da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) ajudou no processo evolutivo de concretização de práticas e estruturas do jornalismo investigativo, por ser uma instituição independente, apartidária, não sindical e não acadêmica, composta apenas por jornalistas e desvinculada dos interesses de empresas de comunicação e de órgãos governamentais. Associações deste tipo estão presentes pelo mundo todo com o objetivo comum de sistematizar e estabelecer práticas e conhecimentos do jornalismo investigativo que ainda estão dispersos e em discussão.

No campo prático, Fortes (2005) destaca como demarcador número um da área no país, o impeachment do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, pois sua gestão suscitou uma febre investigatória na imprensa nacional que já sucedia urgente pós-ditadura, e que culminou mais tarde na cassação de seu mandato. Tendo em vista que há apenas cinco anos antes de sua posse, o país iniciava seu processo de redemocratização pós-ditadura, nota-se que o conceito de investigação jornalística no Brasil está atrelado a escândalos e denúncias.

Segundo Fortes (2005),

A experiência brasileira tem mostrado que o grau de relevância dos veículos de comunicação, com consequências no fluxo de receita publicitária, mantém-se na relação direta entre a manutenção de interesses econômicos e as grandes reportagens, sobretudo as que resultam em mudança de cenário político. O fato, no entanto, é que nem todas são de natureza investigativa, ou pelo menos não se enquadram no modelo clássico da investigação primária — a pauta, a investigação, a notícia. Ainda assim, os veículos e, principalmente, os jornalistas, tendem a imprimir às matérias de grande relevância o selo dourado do jornalismo investigativo. Não é por outra razão que o conceito de investigação jornalística no Brasil está atrelado a escândalos e denúncias, quando se sabe que a maioria dessas matérias nasce do repasse puro e simples de informação, muito mais um mérito das fontes do que, propriamente, do repórter. (FORTES, 2005, p.17).

Tanto é que o selo de reportagem de investigação aparece atualmente nas redações, muito atrelado às reportagens especiais, já que são diferenciadas nos âmbitos da política e do policial. São matérias de mais fôlego, o que firma exclusividade e credibilidade de produção na área. Jornalistas disputam pelo crédito que este tipo de material confere, pelo símbolo de *status* para os veículos de comunicação que conseguem, frutos positivos da atividade investigativa, o que dissemina renome na imprensa ao redor do mundo. Ou seja, “O que antes era a busca pelo furo passou a ser uma corrida, às vezes, desenfreada pelo rótulo. E também por outros motivos, inclusive uma colocação honrosa — e bem remunerada — dentro de um mercado de trabalho fechado e cada vez mais restrito das redações”. (FORTES, 2005, p. 15).

A busca por uma identidade "investigativa", por assim dizer, tende a não ser uma procura profissional intuitiva, feliz, mas uma espécie de demarcação de terreno, que até os anos 90, caracterizava-se por interesses pessoais [...] O jornalismo investigativo, ao contrário das subespecializações que decorreram das editorias tradicionais, acabou por se sobrepor a todas elas, ditando normas, criando procedimentos, gerando castas e, principalmente, virando sinônimo de sucesso profissional. (FORTES, 2005, p. 30.)

Seguindo a trilha dos passos do contexto de surgimento do Jornalismo Investigativo, a prestação de serviço, no entanto, pode acabar por caminhar lado a lado com a espionagem e, logo, com a ilegalidade. Como nos Caso Watergate (EUA) e Collor (Brasil), esse comportamento é um dos maiores propulsores não só do debate a respeito do que realmente define o conceito de Jornalismo Investigativo, como também traz à tona uma discussão ética e profissional.

Uma atividade que tende a se misturar com algo muito mais próximo do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Muito se discute sobre o comportamento do jornalista diante das circunstâncias de uma matéria que exige infiltração, dissimulação e, não raras vezes, doses exageradas de perigo. (FORTES, 2005, p. 19).

Um exemplo disso é o Caso Tim Lopes, referência na história da investigação brasileira e demonstração da comumente associada redução do jornalismo investigativo à editoria de jornalismo policial.⁴

⁴ Com um longo histórico de reportagens investigativas, audacioso e com um forte senso de responsabilidade social, além de demonstrar-se disposto a expor a vida a enormes riscos como infiltração, dissimulação, denúncias, flagrantes e outros perigos em prol da atividade investigativa, Lopes fez, em 2001, uma série de investigação que rendeu a ele e sua equipe da Rede Globo, o Prêmio Esso. Era uma cobertura sobre uma feira de drogas localizada em uma das comunidades do Rio, — com fácil acesso a menores de idade, o que também fomentava abusos sexuais na área — e buscou abordar a questão. Posteriormente o jornalista foi sequestrado e assassinado por traficantes da cidade, o que mobilizou a classe dos jornalistas brasileiros a buscar parâmetros, segurança, e a discutir os limites e riscos da investigação jornalística. Em setembro de 2002, o traficante Elias Pereira da Silva, conhecido como Elias Maluco, foi preso e condenado a 28 anos e 6 meses de prisão pelo assassinato de Tim Lopes. Em 22 de setembro de 2020, Elias Maluco foi encontrado morto na Penitenciária Federal de Catanduvas, na região oeste do Paraná, segundo o Depen (Departamento Penitenciário).

Antes de tudo, a especialização investigativa gerou demandas próprias, rápidas demais e desprovidas de regras preestabelecidas. Gerou, ainda, uma busca irremediavelmente feroz por trunfos jornalísticos ligados às denúncias de governo, o que mais tarde passou a ser designado — normalmente, pelos atingidos — de "denuncismo" da imprensa. (FORTES, 2005, p.21.)

A busca por parâmetros profissionais, regras éticas e conceitos acerca desse tipo de abordagem tornou-se então urgente nas redações. O Código de Ética do Jornalismo Brasileiro foi uma das tentativas de estabelecer regras adequadas e seguras para seu exercício. Aprovado em 29 de setembro de 1985 pela Federação Nacional dos Jornalistas, expõe no artigo nove, inciso *f*, como dever de todo jornalista: “Combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação” (BRASIL, 1985, p. 2).

É evidente a importância do exercício da reportagem aprofundada para revelar as mazelas e erros do sistema social em todos os seus âmbitos, apesar do perigo em se fazer jornalismo investigativo, — aspecto trazido pela conjuntura de nossos contextos sociais — e por fim modificar a realidade. A *Investigative Reporters and Editors* (Repórteres e Editores Investigativos), maior organização de Jornalismo Investigativo do mundo, compôs junto a 38 jornalistas de 28 jornais e redes de televisão americanas, uma das maiores investigações da história, em busca de desvendar o culpado do assassinato do jornalista Don Bolles. O que ficou conhecido como Projeto Arizona.

Há uma constante impressão sobre o Jornalismo Investigativo não ser rentável, devido ao compilado de requisitos necessários para a construção de uma matéria aprofundada, o que pode ser de fato adequado para uma boa formulação, mas que não impede, com uma gerenciação apropriada, sucesso nos resultados e inclusive carimbo de influência diferenciado, tanto na mídia quanto junto à população, aumentando não só acesso à informação como também o status perante a concorrência.

O Manual da Unesco para Jornalistas Investigativos sugere uma nova perspectiva para a prática da investigação. Aponta que o caminho é “a investigação a partir de histórias, porque começamos formulando a história que esperamos redigir como uma hipótese que será verificada ou refutada.” (UNESCO, 2009, p.4). Uma adaptação, para o uso jornalístico, de método semelhante e usual em outras áreas, como consultorias de negócios, ciências sociais e no trabalho policial, e que auxiliam, portanto, no processo de direcionamento da reportagem,

Ver em: “Traficante Elias Maluco é encontrado morto na prisão”, matéria publicada em G1. Disponível em: <https://glo.bo/3fvDACZ> Data de acesso: 24/11/20.

sendo ele: a notícia do problema, ou seja, o fato presente; a causa do problema, que significa contemplar o que houve no passado; e o que deve mudar para resolvê-lo, ou seja especular sobre o futuro.

Mark Lee Hunter,⁵ jornalista premiado, propôs essa abordagem a partir de estudos para sua tese de mestrado, em que comparava métodos investigativos, o que o levou a fundar, em 2001, juntamente com os coautores do referido manual, a Rede Global de Jornalismo Investigativo.⁶ Os elementos e aspectos da investigação a partir de histórias surgiram simultaneamente e de maneira independente em diversos países, e assim estava feito: era a oportunidade de criar um manual, aproveitando também o suporte de outras pesquisas — surgidas também em um congresso da Rede, — que concediam uma base de dados de pesquisa e ferramentas computacionais para a organização destas investigações.

O processo de desenvolvimento coletivo então em andamento foi poderosamente reforçado pela criação do Centro para a Cobertura Investigativa, de Londres, e do seu Curso de Verão anual. Ao longo de diversos anos, o fundador Gavin McFadyen e sua equipe nos permitiram explorar novas maneiras de ensinar o processo de composição de histórias. (UNESCO, 2009, p.6)

Tendo em vista todo esse histórico, vê-se a importância em analisar, apontar e refletir acerca da conceituação do jornalismo investigativo, e da perspectiva sugerida de que, advindo dele, o formato de reportagem aprofundada é uma ferramenta de identificação de inúmeras falhas nas estruturas sociais, e de importância fundamental para o exercício do fazer jornalístico e do uso de suas coberturas em prol da função social, cerne do surgimento da profissão.

2.2 Reportagem: O Caminho Para a Investigação

Dentre os vários gêneros jornalísticos, a reportagem destaca-se como um em que é imprescindível a averiguação aprofundada de um fato para poder contá-lo. A diferença entre notícia e reportagem consiste primeiro no caráter temporal de sua produção, no atendimento ou não ao imediatismo. Ou seja, para algo ser tomado como notícia, precisa ser uma pauta quente; algo que está sendo falado e discutido em outros meios e mesmo no corpo social no

⁵ Ver em: “Mark Lee Hunter”, texto publicado em Global Investigative Journalism Network. Disponível em: <https://bit.ly/3nuGY3Q> Data de acesso: 16/11/20.

⁶ Mark Lee Hunter é o editor e autor principal do Manual de Jornalismo Investigativo da Unesco, o qual ele defende enquanto uma iniciativa promissora para a criação de um guia sobre os métodos e as técnicas básicas do jornalismo investigativo, voltado a preencher uma lacuna na literatura da profissão.

momento em que acontece. A reportagem, por sua vez, pode sim ter temas diversos, inclusive factuais, e ser transmitida em um noticiário, — são as chamadas matérias especiais — mas ela sempre terá elementos mais explicativos quanto ao contexto do fato. A reportagem aprofundada é, portanto, mais complexa, trabalhosa e desafiadora. Na busca por compreender todos os lados envolvidos em uma problemática social, por exemplo, o jornalista precisa encontrar espaço para investigar as pessoas certas e responsáveis pela resposta que se deve à sociedade sobre o porquê daquele problema existir.

Sendo assim, a reportagem seria a ferramenta através da qual o jornalismo investigativo acontece, já que a busca incessante pelos vários lados e aspectos de um fato não é comumente vista nas redações. Tomemos como base o que escreve Ciça Guirado em seu livro *Reportagem, a arte da investigação*, sobre os mecanismos de raciocínio na investigação dos fatos:

Os mecanismos de raciocínio caracterizam-se pelo modo como o Signo se relaciona com o objeto. É supostamente o objeto do Signo que possibilita o acesso à realidade. Para tentar investigar essa realidade, já modificada pela representação sígnica (depoimentos e dados colhidos), utiliza-se métodos de raciocínio. Assim, é a própria investigação jornalística que possibilita, em alguma medida, o acesso ao Objeto do Signo, ou seja, à realidade que se pretende traduzir. (GUIRADO, 2004, p. 55).

A autora cita a conexão de métodos investigativos com o conceito peirceano de semiose. Os métodos de raciocínio descritos por Peirce são: abdução, indução e dedução.

[...] a dedução, que depende de nossa confiança em nossa habilidade de analisar o significado dos signos nos ou pelos quais pensamos; segundo a indução, que depende de nossa confiança em que o curso de algum tipo de experiência não será mudado ou interrompido sem qualquer indicação que anteceda a interrupção e, terceiro, a abdução, que depende de nossa esperança de, cedo ou tarde, supor as condições sob as quais um dado tipo de fenômeno se apresentará. (GUIRADO, 2004, p. 56-57).

Logo, a abdução refere-se ao processo de formação de hipóteses acerca do fato, a indução serve, portanto, para a etapa de verificação, mas esta não deve ser a única coisa a ser feita, uma vez que apenas testar a veracidade dos fatos guia o repórter a um quadro limitado de conhecimento. Não se deve seguir a pauta de modo determinista, pois o repórter deve sempre colocar em xeque a veracidade dos fatos, buscando sempre entender de forma aprofundada e usando assim a dedução, ordenando os três tipos de raciocínio em um plano investigativo para chegar a desvendar o fato, em todos os seus pormenores. Na prática, isso acontece conforme menciona Guirado (2004, p. 61), ou seja, “após o planejamento de anotações, seleciona as facetas do assunto que se mostram mais pertinentes com o propósito

que está regendo a investigação.[...]estabelece, ainda sobre o plano investigativo, quais observações e conjecturas devem ser realizadas para atingir o objetivo desta etapa”.

É o que Edvaldo Pereira Lima (2004) nomeia de extensão da pauta, e defende a importância de abordagens extensiva, ou seja, brindar o leitor com quantidade de informação; e intensiva, aquela que fornece qualidade, detalhamento e profundidade de informações. Já Guirado (2004, p. 61) enfatiza o caráter investigativo de toda reportagem: “imagina-se, numa cadeia semiótica, que o propósito de uma pauta é transformar-se em investigação, que a intenção investigativa é pertencer ao processo de elaboração do texto que, por sua vez, desembocará na publicação da reportagem”.

Para a autora, a reportagem como um gênero jornalístico cujas abordagens vão muito além da técnica da profissão; descreve-a enquanto a arte da investigação, uma forma, segundo ela, de encontrar-se em um campo mais elevado à medida em que somam-se esforços para fixar os olhos no objeto de sua construção. Em suma, aprofundar-se e entregar-se à busca pela abordagem de um determinado tema. A autora enuncia ainda que “a prática da reportagem ora é apanhada por enfoque filosófico, ora semiótico, ora jornalístico...” e que pode possuir também interfaces com a literatura e conexões com a estética e a ética, mas aborda a semiótica como a verdadeira ciência da comunicação, estabelecendo o trabalho do jornalista como uma investigação científica.

O repórter é, pois, o profissional de comunicação que exercita a consciência, ininterruptamente, para captar fenômenos, considerando que o devir é o livre espaço do desvelamento. Para que o fenômeno possa brilhar, traduzido em palavras, há que ser captado por alguém que o interprete. Nesse caso, o repórter é quem clarifica os acontecimentos, desenredando-os para que possam aparecer, ou simplesmente parecer, inteligíveis aos leitores, que terão outras possibilidades de interpretações.[...] Ora, se existe algo tocando em alguém ou em alguma mente que possa interpretar em signos esse algo, logo existem duas forças (no mínimo) interagindo. Duas forças que se transformam constantemente, pois tanto o fato evolui quanto o pensamento do repórter. (GUIRADO, 2004, p. 34).

Assim, um outro fator fundamental para que a investigação seja feita de forma consistente e concreta é o tempo. Precisa-se dedicar muito tempo para pesquisa, leitura, compreensão e busca de respostas. É comum, portanto, que reportagens aprofundadas lidem com pautas mais frias, pois o jornalista pode se dar ao luxo de pegar um tema que foi falado há um tempo na mídia e averiguar a questão com mais exploração, esmiuçadamente e atentamente.

O manual da Unesco orienta como organizar o material coletado com cautela, do número mínimo de fontes e os respectivos cuidados na preparação, contato e tratamento com elas até o que examinar, comparar, visualizar, como verificar ou refutar uma hipótese, gerenciar alvos e metas, usar técnicas e táticas de entrevista, e até mesmo como se comportar durante a construção de uma reportagem. No caso de uma investigação acerca de uma hipótese já existente e detalhada através de uma declaração oficial ou de uma fonte anônima, na maioria das vezes, o repórter exercerá o trabalho de verificar se uma promessa foi transformada em realidade ou não. A denúncia é encorajada ainda que ela não mude o ocorrido, tendo o jornalista, nesses casos, sempre a obrigação de proteger a fonte com categorias de anonimato ou menção.

Para tal, é interessante que o investimento de tempo seja realizado da melhor forma possível. Guirado (2004) aconselha então que informações específicas e intrínsecas de um fato só podem ser adquiridas por meio de um aprofundamento da área de atuação, ou seja, da especialização em um determinado campo ou editoria, por exemplo. Até mesmo para traduzir o assunto adequadamente e de forma completa ao seu respectivo público-alvo. Tais precauções eliminam a influência de pressupostos pré-estabelecidos como concretos pelos depoimentos superficiais de fontes oficiais e dados padrão de pesquisas governamentais e, institucionais ou até mesmo da mídia, de modo a tentar se aproximar da veracidade dos fatos em todas as suas nuances. A própria autora define “a excitação da dúvida” como necessária, sugerindo a máxima peirceana ao exercício jornalístico, precavendo-se das crenças firmadas em cada veículo de comunicação.

É crucial que, ao investigar, o foco esteja nos detalhes certos e reveladores a respeito da problemática, de forma que a subjetividade e parcialidade irão se fazer presentes, mas de forma transparente, transformadora e como guia a quem consome o conteúdo, ao invés de piegas e triunfalista (GUIRADO, 2004). Tudo o que é consumido pelo público interfere de alguma forma na vida dele; as pessoas pressupõem que podem acreditar no que o jornalista diz, pois sua figura confere credibilidade e propriedade de fala ao olhar da audiência.

O jornalismo a sério dá muito trabalho, é preciso que cada um acompanhe todos os dias o que está acontecendo na sua área. O jornalismo de gravador é diferente: parte do pressuposto de que quanto maior for o número de pessoas que você ouve maior é o número de informações. É preciso ter os dados, fazer contas, pesquisar, mas no Brasil nós temos “catastrofismo militante”, a sensação de que o mundo vai acabar no dia seguinte. Isto vem desde os tempos da ditadura, um voluntarismo infantil. Nós temos que juntar dados, pesquisar, analisar (combiná-los, compará-los). Infelizmente estamos no país do “achômetro”. Todo mundo acha alguma coisa e repete o que o outro acha. Investigação não é nem questão de buscar um dado sigiloso, às vezes basta

fazer as contas, puxar pela memória. (BIONDI, 1991 apud GUIRADO, 2004, p.82).

Com base nesta visão da reportagem aprofundada, apoiam-se observações acerca do jornalismo investigativo intrínseco nela. Assim, a investigação criativa conta a história e educa a sociedade a respeito dela. Através de um conteúdo responsável, o fato será atualizado com suas mudanças no decorrer do tempo, e será compreendido em sua realidade.

Vale ressaltar, no entanto, que nem sempre o exercício do bom jornalismo se faz de forma desinteressada e atendendo a princípios éticos, pois apesar da nobre missão do jornalismo, este está inserido em uma dinâmica socioeconômica, e portanto, é preciso considerar o alerta de Mendes (1991):

O jornalismo investigativo está preso por teias econômicas. Ele se desenvolveu muito na área policial, porque evidencia geralmente pessoas anônimas. Quando o fato envolve pessoas com algum poder a coisa se complica. Nesses casos, só se pode investigar a sério quando o escândalo vira coisa comum (MENDES, 1991 apud GUIRADO, 2004, p.88).

Entretanto, sabe-se que há produções jornalísticas que de fato cumprem seu papel ético e social e a intenção desta pesquisa é apreender até onde vai a colaboração deste tipo de produção jornalística, apresentando exemplos desta prática e fomentando o entendimento de sua influência em questões sociais.

2.3 Caco Barcellos E A Busca Pela Reportagem Investigativa

“Queria também deixar claro qual seria o meu método de trabalho e falar de minhas expectativas sobre os critérios fundamentais de conduta minha e dos homens que pretendia entrevistar” (2003, p. 461). É o que Caco Barcellos conta em seu livro-reportagem *Abusado* sobre seu contato com traficantes armados, sozinho e em meio a olheiros e sentinelas que pareciam à espera de um tiroteio iminente pelo posto da Polícia Militar, a aproximadamente 150 metros dali. Um livro escrito com o intento de contar a realidade do morro Dona Marta e de como foi o desenvolvimento da comunidade, ao mesmo passo em que o crime se construía através do tráfico, da violência urbana, e dos movimentos de grandes corporações criminosas na cidade do Rio de Janeiro.

Caco enumera os desafios enfrentados em seu processo de contato e entrevista com os traficantes e moradores da periferia Santa Marta e como se constituía este método de que eles não poderiam informá-lo acerca de ações presentes ou futuras, pois não poderia compactuar

com os crimes. O ímpeto em desvendar a história do crime e a razão das coisas serem como são demonstra a presença do senso de responsabilidade social em seus mais de 40 anos de carreira.⁷ Este livro ganhou o prêmio Jabuti 2004, nas categorias Reportagem e Melhor Livro do Ano Não-Ficção. Ganhou ainda o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos e é, portanto, uma obra consolidada como grande contribuição para entender essa questão social, partindo também da explanação de como a mídia noticiava de forma adulterada os acontecimentos mais marcantes da história do Dona Marta.

Seu livro-reportagem anterior, *Rota 66*, feito em oito anos de pesquisa e sob constantes ameaças⁸, conta “a história da polícia que mata”. Obra que também recebeu o Prêmio Jabuti, na categoria Reportagem, e mais oito prêmios de direitos humanos. Em 2006 e 2008, Caco recebeu, em votação promovida pelo site Comunique-se, o prêmio de melhor repórter da televisão brasileira, e também em 2008, o Prêmio Especial das Nações Unidas, como um dos cinco jornalistas que mais se destacaram na defesa dos direitos humanos no Brasil nos últimos 30 anos.

Após passar aproximadamente seis anos de forma independente, como freelancer viajando pelo mundo, realizando reportagens para a imprensa alternativa e também atuando como correspondente internacional da Globo, em Nova York, Caco chegou até a ser sequestrado, em 1979, durante o movimento Sandinista contra a ditadura de Anastasio Somoza, na Nicarágua. Um grupo de garotos, com em média 13 anos de idade, acreditavam que ele era americano e espião da CIA por dispor de gravador, microfone e roupas americanas. Ao resolver o mal entendido, horas depois ele aproveitou a oportunidade para fazer nascer seu primeiro livro-reportagem, *Nicarágua, a Revolução das Crianças* (1982).

É por esta razão que Caco Barcellos se tornou um dos nomes mais famosos do jornalismo brasileiro, mais especificamente do Jornalismo Investigativo. O jornalista, repórter de televisão e escritor se especializou em jornalismo investigativo⁹ e realizou investigações, documentários e grandes reportagens no âmbito da injustiça social e da violência. Sua passagem por diversas redações como Folha da Manhã¹⁰, Isto É, Veja, Globo News, Globo Repórter e Jornal Nacional, além de sua atuação enquanto correspondente internacional da Globo, conferem credibilidade e estima ao seu nome, ao ponto em que, em 2006, foi

⁷ Ver em: “Caco Barcellos”, perfil publicado em Memória Globo. Disponível em: <https://glo.bo/2IJDmw9> Data de acesso: 16/11/20.

⁸ Respondeu a 18 processos, sendo absolvido de todos. Ver em: “Investigando o Investigativo: 16 fatos sobre Caco Barcellos”, texto publicado em Uol. Disponível em: <https://bit.ly/2IFfdXG> Data de acesso: 16/11/20.

⁹Ver em: “Caco Barcellos é um dos nomes confirmados da Bienal do Livro de Guarulhos”, matéria publicada em Bienal do Livro, Guarulhos - SP. Disponível em: <https://bit.ly/3f2pWHo> Data de acesso: 16/11/20.

¹⁰ Neste veículo, Caco ingressou ainda enquanto graduando do curso de Matemática, convidado por um jornalista de um jornal conservador pertencente ao grupo Caldas Júnior, de Porto Alegre, que já não existe mais.

idealizador e permanece até então na chefia do programa de jornalismo investigativo Profissão Repórter, no qual consegue trabalhar com produções de reportagens aprofundadas e com notória carga de humanização.

Devido às implicações das conjunturas sociais complexas e da forma com que a imprensa geralmente trata delas, em razão de seu próprio modelo estrutural, o trabalho de um jornalista que tenta desconstruir conceitos e formatos e promover discussões aprofundadas, demonstra o quanto uma produção diferenciada em seu trabalho de averiguação difere do que é feito nos modelos tradicionais do jornalismo, com o bônus de disseminação ao grande público, através da transmissão pela emissora mais assistida no país.

Toda essa trajetória foi percorrida por um garoto nascido na periferia de Porto Alegre (RS), em 5 de março de 1950 e vindo de uma família de caminhoneiros, o que o levou mais tarde, aos 18 anos, a trabalhar como taxista. Ingressou no curso de Matemática e tinha o sonho de jogar bola, mas ao atuar no jornal do centro acadêmico da faculdade, surge um novo sonho: ser jornalista. Cláudio Barcelos de Barcellos se tornou Caco Barcellos. Recém-formado em 1975, ganhou destaque na imprensa alternativa ainda nos anos 70, por sua atuação na revista Versus — que ele mesmo ajudou a fundar, com publicação voltada a grandes reportagens sobre o continente latino americano — e por ser um dos fundadores da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, o Coojornal, primeira cooperativa de jornalistas da América do Sul.

Preocupado com a improbidade policial que presenciou desde a infância na periferia, transformou-se no tipo de jornalista que denuncia casos de violência e fareja histórias em que possa dar voz às vítimas. Por isso que, em sua volta temporária ao Brasil, ao ser convidado para trabalhar na Rede Globo por Luiz Fernando Mercadante, que já comprava suas matérias de freelancer, Caco recusou a oferta de trabalho e voltou para Nova York, até que lá enxergou potencial na televisão para formatos menos mecânicos, e de acordo com suas palavras, menos “oficialistas”. Foi ao experienciar e aprovar os documentários feitos por repórteres de tv americanos que Caco decidiu voltar para o Brasil, pronto para tentar inserir esse tipo de narrativa no nosso modelo comercial televisivo, “com as possibilidades que o veículo oferece na reportagem”.¹¹

Iniciou este projeto, portanto, um ano depois, em 1982, com um convite para formar a primeira equipe do Globo Repórter, mas suas reportagens acabaram por ser veiculadas no

¹¹ Ver em: “Caco Barcellos”, perfil publicado em Memória Globo. Disponível em: <https://glo.bo/2IJDmw9>
Data de acesso: 16/11/20.

Jornal Nacional, com apenas algumas mudanças no formato anteriormente engessado e tradicional, como a do Caso Baumgarten.¹²

Em 1983, entrou para o grupo Editora Abril, em São Paulo, com um projeto de TV sobre um quadro de reportagens de sete minutos sobre violência. Se destacou novamente pela cobertura junto ao repórter cinematográfico Renato Rodrigues, das agressões policiais da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), Unidade de Choque da Polícia Militar de São Paulo, aos meninos da favela de Heliópolis, que haviam sido presos. A matéria foi ao ar no Jornal Nacional, e as imagens se tornaram capa do Relatório Anual da Anistia Internacional.¹³

Caco continuou a impressionar com seu faro jornalístico por histórias extremamente pertinentes. Produzida e veiculada nos anos 90, a reportagem *Desaparecidos Políticos* contava um encobrimento de crime da ditadura militar, que o jornalista identificou ao descobrir, dentre 1,5 mil ossadas, oito vítimas da repressão da ditadura que haviam sido enterradas por militares no Cemitério de Perus, em São Paulo. Foram concedidos a ele os prêmios Embratel de Jornalismo, Caixa Econômica Federal de Jornalismo Social e Líbero Badaró.

Outra reportagem marcante e feita ao mesmo tempo em que investigava sobre os desaparecidos políticos, foi a cobertura do que ficou conhecido como “massacre do Carandiru”. Na penitenciária do Carandiru, maior presídio de São Paulo, 111 detentos foram mortos e mais de 100 ficaram feridos sob a falsa alegação de confronto com a Polícia Militar, que invadiu sob ordem do Secretário de Segurança Pública durante o governo de Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB). Houve refutação do número de mortes em divulgação para a mídia e para a população, e na abertura para a imprensa, 30 minutos depois da chacina, Caco Barcellos orientou jornalistas e cinegrafistas, inclusive de outros veículos de comunicação, e forçou uma coletiva de imprensa com o diretor do presídio, se certificando de que o episódio não sairia impune.¹⁴

Ao trabalhar ainda fora durante um bom tempo enquanto correspondente, em Londres e depois em Paris, passou por vários países como Espanha, Paquistão, Peru, Angola, e

¹² Em 1982, o jornalista Alexandre von Baumgarten foi assassinado. Seu corpo apareceu boiando na praia da Macumba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1982, e sua morte foi encoberta como afogamento. No ano seguinte, em janeiro, uma reportagem da revista *Veja* escancarou os fatos: Baumgarten fora assassinado com dois tiros na cabeça e no tórax. A revista continuou a publicar sobre o assunto em fevereiro do mesmo ano, cuja publicação continha um dossiê secreto escrito pelo jornalista em que ele acusava integrantes do SNI (Serviço Nacional de Informação) de planejar sua morte. Caco Barcellos foi o primeiro jornalista da Globo a cobrir o caso.

¹³ Ver em: “Caco Barcellos”, perfil publicado em Memória Globo. Disponível em: <<https://glo.bo/2ITPTwO>>. Data de acesso: 16/11/20.

¹⁴ Ver em: “Massacre do Carandiru: o que vi ao entrar no presídio após a chacina”, texto publicado em Agência Pública. Disponível em: <<https://bit.ly/398scMj>>. Data de acesso: 16/11/20.

Cisjordânia. Neste último, a cobertura que fez junto ao repórter-cinematográfico Sergio Gilz e à correspondente do jornal O Globo, Debora Berlinck, do conflito entre palestinos e israelenses na cidade de Nablus, resultou no carro da equipe metralhado pelo Exército israelense. Mais uma experiência de vida ou morte para a conta. Essa e outras coberturas internacionais renderam diversos prêmios acumulados ao longo de sua carreira nos anos 2000 e, posteriormente, no Brasil e no exterior.

CAPÍTULO 3 - PROFISSÃO REPÓRTER, UM EXEMPLO DA CONJUNTURA INVESTIGATIVA BRASILEIRA

3.1 Profissão Repórter, Um Breve Histórico

Com o ideal de reportagens com mais fôlego, o Profissão Repórter surgiu. Primeiro como quadro especial no Globo Repórter e, posteriormente, no Fantástico, até que conquistou seu lugar na audiência e em junho de 2008 entrou para a grade de programação da Globo, com transmissão às terças-feiras e com direito ainda a reprise na GloboNews aos sábados. Inicialmente, a base foi estabelecida em São Paulo.

O programa é a melhor escolha para avaliação desse tipo de narrativa de jornalismo investigativo dentro da conjuntura brasileira, mais precisamente através da reportagem aprofundada enquanto colaboração à conscientização e ao entendimento de questões sociais cruciais e urgentes. Foram 24 anos até conseguir estabelecer de fato um modelo brasileiro que se encaixasse e servisse ao propósito como o Profissão Repórter, já que em sua volta para o Brasil e ao entrar para a Globo, Caco foi direcionado ainda a inúmeras outras propostas com a promessa do jornalismo investigativo e aprofundado e, ao não desistir, pôde produzir conteúdos ricos e premiados de investigação categórica.

Pensei no formato em 1995. Eu desejava uma dinâmica de reportagem que pudesse contar a história sob vários ângulos. Porque não existe verdade absoluta; a verdade é sempre relativa de acordo com o olhar que você tem sobre aquela história. O bastidor que mostramos é o relacionado ao conteúdo: a dúvida na hora de escolher uma pauta, a discussão sobre essa pauta, a escolha do processo que a gente vai seguir durante a captação de informação, a discussão de uma questão ética. Nem sempre a gente percebe que a estrela do programa é a reportagem, o conteúdo.¹⁵ (BARCELLOS, s/d).

Para tal objetivo, as reportagens seriam feitas por uma equipe de jornalistas recém-formados, que carregasse em si, portanto, a excitação por um bom trabalho, também em razão de mostrar os bastidores de cada etapa para a construção de uma notícia, da sugestão da pauta até às escolhas de direcionamento e recorte na montagem da história. No processo final de edição, Caco faz uma espécie de decisão educativa ao promover reflexão aos jovens repórteres e sugerir mudanças e caminhos, conduzindo-os com sua experiência e com o apoio de um grupo de profissionais mais experientes.

¹⁵ Ver em: “Caco Barcellos”, perfil publicado em Memória Globo. Disponível em: <<http://glo.bo/2ITPTwQ>>. Data de acesso: 05/09/20.

Em 2012, o programa recebeu medalha de indicação ao Emmy Internacional na categoria atualidades. Foi finalista do prêmio, em lista divulgada pela Academia Internacional de Televisão, pela reportagem sobre crianças viciadas em crack no Rio de Janeiro, exibida em julho do ano anterior. No ano seguinte, o programa ganhou uma base também no Rio de Janeiro.

A equipe mantém sempre conteúdo no site do programa, de modo que o público é estimulado a assistir os episódios com conteúdo exclusivo além das reportagens, que também são acessíveis nas redes sociais. No cenário caótico de 2020, a equipe se manteve em ação, mostrando histórias da pandemia no Brasil. Até agosto, foram mais de 60 matérias¹⁶ em que a equipe atuou, com reportagens curtas de variação de 1 à 14 minutos, exibidas nos programas e telejornais da TV Globo. Além disso, há o Documentário sobre a Antártica, no qual a repórter Mayara Teixeira acompanhou então a última expedição do Brasil, a fim de mostrar as condições e os desafios do trabalho dos cientistas brasileiros que, devido à Covid-19, não poderão ir para a Antártica. Pela primeira vez uma equipe de reportagem viajou com cientistas ao módulo de pesquisa Criosfera 1, no interior da Antártica.

3.2 O Caso De Brumadinho: Um Crime Ambiental Já Previsto Antes

A lama vem cobrindo o nosso país, e não é de hoje. Desde o início dos anos 2000, é em média um rompimento de barragem a cada dois anos no Brasil. Nova Lima (MG), Cataguases (MG), Alagoa Nova (PB), Mirai (MG). Vilhena (RO), Buriti dos Lopes (PI), Laranjal do Jari (AP), Itabirito (MG). Mariana (MG), Brumadinho (MG). É um padrão, com causa e solução também. Voltando os olhos para Minas Gerais, alvo do maior número de ocorrências nessas duas últimas décadas, e também de mortandade, os casos trágicos que mais chocaram foram Mariana e Brumadinho.

No dia 05 de novembro de 2015, a barragem de Fundão da mineradora Samarco, em empreendimento conjunto pela Vale e BHP Billiton (empresa de fora), rompeu-se, varrendo o distrito de Bento Rodrigues, no município de Mariana, em Minas Gerais, causando a morte de 19 pessoas, dentre moradores e funcionários da mineradora, e a total destruição de casas e do meio ambiente. Quatro anos depois, *boom*, chuva de lama novamente e em 25 de janeiro de 2019, o alvo da vez foi o município de Brumadinho. 110 mortos e 238 pessoas desaparecidas

¹⁶ Ver em: “Caco Barcellos e equipe mostram histórias da pandemia no Brasil”, matéria publicada em G1. Disponível em: <<https://glo.bo/3kRILzz>>. Data de acesso: 20/10/20

só até a tarde do dia 1º de fevereiro de 2019, sete dias após o rompimento da barragem. Após um ano, já chegava-se a 270 mortos e 11 pessoas ainda desaparecidas.

A equipe de reportagem do Profissão Repórter, composta por Júlio Molica, Mayara Teixeira, Danielle Zampollo e Erik von Poser, além de Caco Barcellos, iniciou investigação em campo com apenas onze dias do ocorrido. O caráter investigativo do programa é fortemente evidente nesta produção. As imagens da lama cobrindo tudo é o que inicia a reportagem. O som instigante do ambiente e as falas das fontes sobre a tragédia seguem, e são tudo o que se precisa para deixar a história se apresentar por si só. Sem a presença de sensacionalismo, a humanização dos personagens é o que ganha e até mesmo constrói a cena. Logo, os dados da quantidade de mortos e desaparecidos da tragédia do rompimento da barragem de Brumadinho carimbam a relevância e, portanto, a necessidade em se falar de um crime com marca de descaso público e privado que acarretou a morte abrupta de centenas de inocentes.

A reportagem *Rompimento da barragem de Brumadinho*,¹⁷ com duração de 38 minutos transmitida em 24 de abril de 2019, pelo canal da TV Globo, foi produzida ainda no início da tragédia e também três anos após, quando a equipe de repórteres volta ao lugar e as consequências são mostradas de forma clara: o luto, a falta de renda por parte de familiares de trabalhadores da barragem, e os problemas de saúde que precisam de ajuda médica. As regiões mais atingidas foram Córrego do Feijão e Parque da Cachoeira, onde a equipe se concentrou. A entrega e imersão dos jornalistas na reportagem são demonstradas na constituição de uma narrativa objetiva, porém humanizada, de clara abordagem investigativa e de confronto com espaço para todos os sujeitos envolvidos naquela realidade.

Enquanto o tempo passava, os corpos ainda permaneciam desaparecidos, e os familiares dos entes queridos explicaram a respeito das sequelas acarretadas a quem possuía casas, estabelecimentos, locais de trabalho e até áreas de lazer nos locais atingidos. A cobertura mostrou a completa destruição que ficou: paredes, assoalho, eletrodomésticos, móveis, mobília, casas, ruas, pousada, comunidades. Além do cenário desolador, das perdas de artefatos e bens materiais, os repórteres também acompanharam de todos os ângulos, o sofrimento das vítimas, com os problemas de saúde decorrentes do acompanhamento de toda a situação na busca pelos corpos e por respostas dos responsáveis.

Um personagem de Córrego do Feijão, que estava comparecendo a um atendimento psicossocial que acontecia em público na cidade, é uma das primeiras vozes de clamor,

¹⁷ Ver em: “Profissão Repórter — Rompimento da barragem de Brumadinho”, reportagem publicada em Globoplay. Disponível em: <http://bit.ly/3miFuIZ>. Data de acesso: 15/09/20.

indignação, angústia. “O que eu tenho direito dele é os ossos dele pra eu enterrar, que só quem viu aquele inferno ali é que sabe. Quem tem parente lá dentro ainda que num foi achado, chega lá, vê aquele desespero ali sem ocê ter certeza se vai achar ou que num vai. E aquela coisa, e um fala um trem outro fala outro e ocê fica sem rumo”, desabafa Wilson Caetano, pai de Luis Paulo, uma das vítimas da tragédia e que foi quase todos os dias até o local do soterramento, na busca de notícias do corpo do filho. Acrescenta: “Por enquanto eu não to vivendo. Eu tô um verdadeiro defunto em pé”.

No lugar onde tudo aconteceu, a procura pelos corpos seguia, em um cenário de tal devastação em que até as caminhonetas encontradas sob a lama saiam amassadas. “Não tem jeito de sobreviver ninguém num trem desse não, tem jeito?”, descarrega Seu Wilson, ensimesmado. Sua dor se expressa na conduta firme e triste de suas respostas às indagações da repórter Mayara Teixeira, que pergunta: “E por quê que o senhor vem todo dia?, ao que responde: “Ah, porque eu sei que foi aqui que o meu filho perdeu a vida, sô. Foi aqui que ele perdeu a vida, foi ali, olha! Foi ali que eles mataram ele. Foi ali, num foi num outro canto não”.

Em dado momento, enquanto o close se faz em seu olhar absorto no mar de lama, a cinegrafista, Danielle Zampollo, pergunta: “Tá pensando em quê, Seu Wilson?”, ele responde: “Tô pensando em encontrar o meu fi, é isso que eu to pensando, cês me devolvam ele”. A fala distante, como em algo que já disse para si mesmo várias vezes, é direcionada à instituição responsável pelas irregularidades da barragem. O descaso da Vale com os familiares das vítimas também é demonstrado através dos depoimentos de outros entrevistados que perderam seus parentes ali.

Fernanda, que estava em gestação de cinco meses, e Luiz, seu marido, passavam férias na Pousada Nova Estância, e foram mais duas vítimas da tragédia. O casal estava em estadia na pousada, acompanhado de mais três familiares que também morreram. No contato com os entrevistados, Caco Barcellos e o cinegrafista Erik von Poser fazem o percurso até o aterramento natural formado com a grande quantidade de lama, que elevou o nível original do terreno onde ficava a pousada. Na condução da entrevista, Caco se volta para uma voluntária, Deia de Oliveira, presente desde o segundo dia em que começaram as operações acerca do ocorrido. Ela conta como foi desesperador não apenas não poder encontrar sobreviventes, devido à natureza voraz do desastre, como também saber que as pessoas poderiam ter escapado se o alarme tivesse soado.

No que diz respeito às consequências a longo prazo para quem morava nos arredores, em Nova Lima, a situação de uma família chama muita atenção. Raiane, uma garota de

apenas 14 anos, concede seu depoimento a Caco completamente revoltada com as condições em que todos ali se encontravam. Andando até o interior da casa, ela informa que o tio (um homem deitado em uma cama) é surdo-mudo — de forma errônea, devido à inocência ou mesmo falta de diagnóstico, — precisa de tratamento de saúde não só para melhoria de vida como também por sofrer convulsões, bem como a tia que também reside ali e necessita de acesso a balões de oxigênio. Indignada, ela diz, “Usa balão de oxigênio. Onde que eles vão arrumar?”, desabafa mostrando o equipamento na sala. Caco a acompanha e, adentrando a residência, a inquirir: “Cês precisam de ajuda, me parece”, ela responde até mesmo se atropelando nas palavras de tão exasperada, “Isso, precisamos, e ainda vem essa água e vai destruir tudo que a gente já não tem, né?”. Quando Caco pergunta como eles sairão daquela situação, a garota de pouca idade e muitas preocupações responde com indignação: “é essa a pergunta que eu quero fazer pra Vale”.

Em seu contato com Raiane, Caco está notavelmente curioso com “a preocupação tão forte” da menina. Parece tomar nota mental das expressões verbal e corporal de Raiane. É assim que ele investiga, focando nos pontos cruciais e não desprezando os detalhes advindos de cada fonte, que narram muito das histórias que ele precisa para contar o fato.

Diante de tudo isso, uma coisa é nítida: Mesmo para as pessoas que não estavam no local atingido, há consequências pulsantes a longo prazo: a perda de seus empregos, para os que trabalhavam nos locais atingidos; a evasão escolar, causada por eventuais cancelamentos de aulas sob risco do rompimento atingir a escola; a calamidade da cidade de Bento Rodrigues, que virou um cemitério de casas abandonadas e os antigos moradores, além das casas, perderam também seus pertences, destruídos ou furtados; os novos riscos de outros rompimentos nos arredores; a saída de suas casas de moradia duradoura, algumas já há quinze anos, por serem áreas de possível risco, a pedido da Vale, que as alocariam posteriormente.

Proveniente disso, é mostrado também na reportagem o caso de uma vila perto de Nova Lima, em que 70 pessoas tiveram que deixar suas casas para residências provisórias por responsabilidade da empresa. Um processo demorado, devido a toda a consideração em torno da problemática e seus procedimentos, como a espera pela ausência de previsão para o retorno às casas, já que o projeto de desativação das barragens ainda permanece sem data para ficar pronto; a situação de desemprego e difíceis situações em que se encontram as famílias, por exemplo, com um trabalhador que recebe negativas da Fundação sobre o reconhecimento enquanto pessoa atingida, e outra que foi reconhecida e recebe salário mínimo e cesta básica de auxílio emergencial da Vale. A própria situação da cidade de Bento Rodrigues, que ficou completamente abandonada, e aguarda, desde 2015, reconstrução prometida pela

empresa. Tudo isso acarreta para os moradores mais frustrações, desafios e até desespero por tanto descaso.

Seguindo a trajetória das vítimas em todos os pormenores de cada fase da problemática, as jornalistas Mayara e Danielle seguem os familiares das vítimas um mês após do rompimento da barragem do Córrego do Feijão, 25 de fevereiro, a caminho de uma manifestação que irá acontecer lá. Nas camisas dos manifestantes, o dizeres: “Não foi acidente! Foi crime! Justiça!”. Nas faixas e cartazes, as mensagens: “Não foi fatalidade nem acidente, foi crime”. “O lucro não vale a vida”, “Voz aos que foram calados pela irresponsabilidade”, “Honrem nossas famílias”, são o que compõem um cenário de total insatisfação na caminhada dessas pessoas.

Ao retornar para o local do rompimento, a repórter Mayara Teixeira chama atenção para o mau cheiro, ao que Seu Wilson responde: “É coisa morta que tem aí dentro, é gente, é criação, é tudo.” A altura do aterramento formado pelo amontoado de lama já mostrava-se grande após o decorrer do tempo de operação, o que surpreende a todos. A reportagem finaliza com o testemunho de Wilson e Francisca, pais de Luis Paulo, quando, em 28 de fevereiro, um mês e três dias após sua morte, seu corpo foi finalmente encontrado. Wilson compareceu ao reconhecimento do corpo no IML de Belo Horizonte, e emite, entristecido, “Eu não queria uma notícia desse tipo. Queria que dissessem ó, encontraram seu filho no hospital, doente assim e assim, eu preferia cem mil vezes assim, mas num teve outro jeito, vou fazer o que? Aceitar né. Aceitar sem perdoar”.

Consternado, afirma que a Vale só concedeu o transporte para ele ir até lá, mas na casa dele não havia comparecido até então, e só os procurou mais de um mês depois, ao que aceitaram feita pela empresa e estudam contratar um advogado. Concluindo a produção, ficam seus testemunhos: “Dar graças a Deus que uma parte que nós queria, conseguiu”, diz Wilson. A esposa, Francisca, arremata: “Pedir a Deus pra continuar as buscas, continuar a investigação pra que não aconteça com outras pessoas o que aconteceu com ele. Eu peço a Deus isso porque o que eu to passando aqui não quero que outras pessoas passem. É muito triste”.

Esmiuçando, assim, o caso de cada personagem, a equipe traz um panorama acerca de todos os detalhes que seriam recortados em uma matéria noticiosa. No apto tempo de uma reportagem, a visão se volta ao desgaste emocional dos familiares na busca por encontrar os corpos de seus entes queridos, ao acompanhamento das fontes durante todas as fases desse período, e às declarações da empresa acerca das indenizações e doações às pessoas afetadas, e como foi firmado, todo o procedimento e suas respectivas discussões e decisões. Para tal, os

repórteres buscam as fontes oficiais, públicas e privadas, que respondem por tais responsabilidades.

Lage (2005) caracteriza o Jornalismo Investigativo enquanto atividade que se tornou cada vez menos animadora, justamente, por causa da profissionalização das fontes, o que permite a elas o poder até mesmo de condução da pauta. Em alguns casos graves, porém, mais recorrentes do que se imagina; e pela organização de grupos interessados em utilizar a mídia para fins políticos e econômicos, como divulgadora de seus ideais partidários e ideológicos. Em conformidade com tal crítica, as produções do Profissão Repórter sempre vão de encontro às declarações das fontes, questionando-as e investigando-as em favor, antes de qualquer coisa, do entendimento da problemática.

Nesta reportagem, Caco Barcellos mostra, através de uma nota da Vale, o parecer que informava o número de famílias identificadas para receber doação de renda, e a quantificação em dinheiro determinada, que era de 100 mil reais para cada uma das 272 famílias. Mostra ainda as determinações de um Termo de Compromisso fechado com a Defensoria Pública de MG, o qual determinava as características das indenizações, como as alternativas de acordo individual ou por grupo familiar. O que Lima (2004) já definira como uma das etapas da extensão da pauta, a reportagem documental, artefato que agrega com dados, confirmações, documentos e detalhes ricos à narrativa. E durante toda a produção, a equipe tece, apresenta, expõe uma abordagem igualmente extensiva e intensiva, ou seja, quem assiste é contemplado com informações ricas em quantidade e em qualidade.

A lama que cobre as vítimas

Três anos após o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, as repórteres Mayara Teixeira e Danielle Zampollo reencontram as fontes que entrevistaram em 2016, mostrando que pouca coisa havia mudado desde então. A vida dessas pessoas foi deixada dessa forma, em pausa, no aguardo de uma restauração e extremamente afetada a longo prazo. Uma das situações mais gritantes é a do atraso na entrega das novas comunidades que seriam construídas para moradores de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira, em 2019, que permaneciam não entregues desde 2015. Outra problemática exposta na matéria foi a situação de adoecimento das pessoas. Cenas mostram que muitas passaram a tomar medicação, algumas receitadas inclusive após a tragédia, como remédios para coração, pressão, ansiedade, antidepressivos, dentre outros.

Prosseguindo com o acompanhamento de como o rompimento da barragem de Fundão, em 2015, afetou a vida das pessoas, as repórteres se encaminham para o município de Barra Longa, a 40 km de Mariana, ao ficarem sabendo de uma manifestação que iria ocorrer lá. As jornalistas chegam e encontram pessoas reunidas em frente à sede da Fundação Renova, instituição criada pelas mineradoras para reparar os danos causados pelo rompimento. Elas se aproximam, e começam a fazer perguntas aos manifestantes, que informam estar na espera pelo segundo dia consecutivo, direto, à porta do escritório, que permanecia trancado. Uma moça do Movimento dos Atingidos por Barragens até reclama que eles supostamente estão ali para fazer o diálogo entre a população e a Vale, e logo segue junto às pessoas até o outro escritório, e pede uma resposta à porta, “Você tem que abrir pra nos dar uma resposta. Aqui ô segurança, tem bandido aqui não. É só reunião que nós queremos. Uma resposta”.

Posteriormente, Mayara Teixeira aparece em diálogo com o diretor-presidente da Fundação Renova, Roberto Waack. Ele afirma que, pelo acordo da Vale, cada família poderia fazer o desenho de sua casa, e que o prazo para entrega estava para o meio do ano de 2019. Em outubro de 2018, a Renova firmou um acordo com a justiça de que iria se reunir com cada família atingida para negociar as indenizações individualmente. A repórter, propiciamente, questiona-o acerca do fechamento incomum da Fundação em dia de semana e horário comercial, e também sobre a reparação de todos os impactos causados, ao que ele replica, respectivamente, que o escritório geralmente fica aberto, mas “quando há manifestações, que a gente percebe que há risco para os funcionários, então, a gente prefere manter fechado.”, e que eles estão ali para tentar, ao máximo, a reparação integral dos danos.

Cânones do Jornalismo é um documento adotado pelo Comitê de Ética da Asne (American Society of Newspapers Editors), desde 1922 e que permanece atemporal quanto à orientação aos jornalistas para suas relações profissionais, deveres e direitos. Eugênio Bucci, em *Sobre ética e imprensa*, reproduz o prólogo do documento, que apresenta o fazer jornalístico enquanto função primária de comunicar às pessoas o que os outros fazem, sentem e pensam, e exige inteligência, conhecimento, experiência e habilidades de raciocínio, observação, interpretação e apresentação entendível ou quase educativa. Dentre muitos erros citados nos Cânones, está a utilização sem critério do *off*, ou seja, por fonte não revelada, em matérias intituladas como investigativas, mas que se formam em torno daquela única sonora. Em contraste, o Profissão Repórter utiliza de *off* nos moldes adequados, para não expor desnecessariamente e em proteção da fonte, que se caracteriza apenas como um dos compositores do cenário investigativo.

Decerto, tal acompanhamento evidencia uma prestação de serviço do jornalismo nos lugares em que a empresa e o poder público deveriam estar atuando. Põe-se em perspectiva, assim, a possibilidade de transformação social, e a certeza da asserção da participação decisiva do jornalista para a mudança de conjunturas sociais, em uma luta constante contra o *status quo* de todos os sistemas. O jornalismo surgiu, há mais de 2 mil anos, em um contexto de função social, de trazer informação para a sociedade. Democratizar essa informação, contornando todos os obstáculos de um complexo campo político e comercial que abre brechas para todo tipo de irregularidade na lei, a partir de uma decodificação de todos os artifícios intrínsecos a ela é objetivo, alicerce e base da profissão.

Em fiscalização, portanto, de todos os pormenores envolvidos, a reportagem mostra que os efeitos causados pelo rompimento das duas barragens em Minas Gerais, de Mariana e Brumadinho, abalam toda uma cadeia sintética de interdependências necessárias para a vida. No município de Mariana, só a devastação provocada ao meio ambiente pela liberação de cerca de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, — formados, principalmente, por óxido de ferro, água e lama — deixou, em Mariana, 11 toneladas de peixes mortos e também diversos outros seres vivos, o que afetou todo o ecossistema da bacia do Rio Doce; assoreamento e infertilidade do solo; destruição da cadeia alimentar e soterramento de nascentes; risco de afetar diretamente espécies marinhas, já que a lama encontra o oceano na região de Espírito Santo; a destruição de 1.469 hectares ao longo de 77 km de cursos d'água, incluindo áreas de matas ciliares e impedindo até mesmo os meios de regeneração de florestas.¹⁸ Além de tudo isso, as águas dos rios afetados se tornaram impróprias para consumo humano e pesca, irrigação e produção de alimentos em todos os pontos analisados pela Fundação SOS Mata Atlântica, ao longo de 733 quilômetros, por onde correu o rastro de lama. Biólogos estimam que o rio Doce precisará, em média, de 10 anos para recuperar-se, e a outros pesquisadores, no entanto, afirmam que o impacto foi tão profundo que é impossível até mesmo estimar um prazo para o restabelecimento do equilíbrio.¹⁹

No caso de Brumadinho, em que o desastre criminoso foi em uma escala bem maior do que Mariana, sendo o maior desastre ambiental do Brasil, milhares de moradores da região ficaram sem água e sem trabalho. Segundo relatório da ONU de 2019, a pior tragédia por rompimento de barragem dos últimos 34 anos foi na Itália, em 1985, quando 267 pessoas

¹⁸ Ver em: “O impacto do desastre de Mariana (MG) na vegetação local”, matéria publicada em Greenpeace Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3IRV133> Data de acesso: 21/11/20.

¹⁹ Ver em: “Impactos ambientais do acidente em Mariana (MG)”, texto publicado em Brasil Escola.Uol. Disponível em: <https://bit.ly/350AuH0> Data de acesso: 20/11/20.

morreram²⁰. Com o número de mais de 270 pessoas mortas²¹ em Brumadinho (MG), o Brasil se tornou, então, sede da pior tragédia humana provocada por rompimento de barragens de minério das últimas três décadas: Foram 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos despejados em Brumadinho; De acordo com nota divulgada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) no dia 01 de fevereiro de 2019, 147,38 hectares de vegetação impactada; a lama, que contém ferro, sílica e água, atingiu o rio Paraopeba, um dos afluentes do rio São Francisco, afetando gravemente a qualidade da água no local por diminuição da quantidade de oxigênio disponível na água e desencadeando a morte da fauna e flora aquáticas; o solo da região também foi afetado, devido à grande quantidade de lama que alterou sua composição original e que, ao secar, prejudicará o desenvolvimento da vegetação, causando infertilidade; além disso, a água do rio apresenta riscos à saúde humana e também animal, segundo as Secretarias de Estado de Saúde (SES-MG), de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), e de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa).

Diante de toda essa devastação, há também o conhecimento de que as barragens da Vale em Brumadinho e mais outras 8 em Minas Gerais já apresentavam risco de rompimento detectado desde outubro de 2018, segundo o Ministério Público, fato constatado em documentos anexados à Ação Civil Pública, repassados pela própria empresa em investigação²². Em precedência, em 2016, um inquérito da Polícia Federal identificou que a mineradora Samarco sabia dos riscos do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, em concessão de uma lista de falhas alarmantes e riscos previamente detectados. Se ainda assim uma catástrofe de tal nível sucedeu, afetando realidades não só no momento do rompimento como também a longo prazo, é nítida a necessidade urgente e fundamental de mudanças nas leis de construção de barragens e para uma fiscalização mais rígida e efetiva.

Barreiras invisíveis e ocultas

A reportagem contempla também a luta da comunidade civil organizada junto a ONGs e movimentos sociais pelo direito de participação nas decisões. Firmou-se de forma transparente que a participação do povo foi crucial na aprovação de uma lei com mais direitos e segurança aos envolvidos em possíveis rompimentos de barragens, uma vez que sua pressão

²⁰ Ver em: “Tragédia com barragem da Vale em Brumadinho pode ser a pior no mundo em 3 décadas”, matéria publicada em BBC News Brasil. Disponível em: <https://bbc.in/371V3PC>. Data de acesso: 25/10/20.

²¹ Ver em: “Dados: Os números da tragédia de Brumadinho”, matéria publicada em Conectas. Disponível em: <https://bit.ly/3nOq5S7>. Data de acesso: 25/10/20.

²² Ver em: “Barragens em Brumadinho e outras 8 em MG da Vale já estavam em zona de atenção desde o ano passado, diz MP”, matéria publicada em G1. Disponível em: <https://glo.bo/3m7fVvl>. Data de acesso: 28/10/20.

às autoridades, através da manifestação feita em frente à sede da Assembleia Legislativa e outras iniciativas, não se deixaram silenciar, clamando por justiça às tragédias e mudanças firmes para segurança em uma nova legislação.

A equipe acompanhou e registrou o movimento “Mar de Lama Nunca Mais”, nomenclatura que define projeto de lei criado a partir da sociedade civil ²³. A manifestação aconteceu com vários manifestantes em ações simbólicas, como um cidadão que derruba lama de uma garrafa em outro; gritos contra os culpados, chamados até mesmo de “assassinos”; pessoas sujas de lama e paradas, encarando quem passava; outras carregando pequenas cruces de madeira, simbolizando as vítimas; fachadas com dizeres de clamor e crítica; e a presença de lama na escadaria da assembleia, sob a explicação de uma das moradoras da cidade, que dizia que eles (Deputados) para entrar ali precisariam sujar o pés de lama.

De modo sucinto e de fácil entendimento, são informados a quem assiste quais os textos levantados para a elaboração de uma nova lei de segurança para a construção de barragens e quais autoridades votaram contra, fazendo com que a audiência entenda até mesmo as placas com mensagens contra alguns deputados na manifestação.

Para Fortes (2005), há um *modus operandi* universal presente nas relações entre a mídia e o poder público. Assessores de imprensa estão sempre tentando interferir nas reportagens investigativas com o intuito de suavizar ao máximo o lado de seus patrões, sejam eles atores do poder público ou dirigentes de corporações privadas, manipulando as informações “de maneira a deixá-las mais brandas.” (FORTES, 2005, p.16). Com isso, já criou-se nas redações um hábito entre os jornalistas em aceitar condução, por parte da fonte, na própria pauta, principalmente quando a informação que ela concede é tida como principal. O autor faz uma crítica ao que, segundo ele, se tornou praticamente uma política geral nas redações, e defende que é parte do trabalho do jornalista se esquivar deste tipo de comprometimento com as fontes. É exatamente isso que os repórteres do Profissão Repórter demonstram nessa reportagem.

Júlio Molica, Mayara Teixeira, Danielle Zampollo e Erik von Poser desvendam todo um histórico da problemática, trazendo além de informações acerca da pressão popular, — que vem irrompendo desde o rompimento da barragem em Mariana - MG, em 2015 — as discussões acerca de uma nova lei de segurança para as construções de barragens em Minas Gerais, em 2019. Eles escancaram, o que podemos chamar de *modus operandi* do Legislativo,

²³ Uma versão mais rígida da lei surgiu justamente de iniciativa popular, por meio da reunião de mais de 50 mil assinaturas. O projeto de lei *Mar de Lama Nunca Mais* teve também o apoio do Ministério Público, além de diversas ONGs.

que articularam a elaboração de uma nova lei uma semana após o rompimento da barragem, com a intenção evidente de realizar uma votação relâmpago do texto proposto.

Ademais, anteriormente, ainda em 2015, o órgão optou por não abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o caso do rompimento da barragem em Mariana e possíveis irregularidades, seguindo por uma alternativa menos intensa: a criação de uma Comissão Extraordinária de Barragens, voltada a finalizar a avaliação do Projeto de Lei PL3676 e à criação de novas regras para construção e expansão de barragens, que se estendia ainda sem aprovação até o momento presente da reportagem em 2019.

Oriundo de todo esse contexto, é elucidado que o Deputado João Vítor Xavier, do PSDB, foi quem realizou tentativa da versão mais rígida da lei, o projeto de lei Mar de Lama Nunca Mais, apresentando o texto adaptado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, e foi também o único a votar a favor, ao que a proposta, em conjunto também com o Ministério Público e o Ibama, logo foi vetada. Subsequentemente, seguiu uma versão mais liberal, assinada pelo deputado Thiago Cota, do MDB, que não exigia, dentre outros parâmetros, por exemplo, que as empresas fizessem uma reserva de precaução para indenizar vítimas em caso de rompimento e não estipulava uma distância mínima de 10 km entre a barragem e populações próximas a ela, e silenciava sobre outras irregularidades, e que foi duramente criticada por ambientalistas.

Júlio conversa ainda com os outros deputados, agora reeleitos, que foram os que votaram contra. O jornalista faz a pergunta de confronto sobre se com a doação de campanha recebida por ele, em 2014, de 100 mil de mineradoras e empresas relacionadas, que somaram mais de meio milhão de reais, não seria possível flexibilizar as regras, ao que o Thiago Cota (MDB), responde calmamente que não seria o patrocínio que o faria agir assim se ele acha que não deve, e aponta como motivo também a falta de consenso entre os técnicos de obra a respeito da distância essencial. Gil Pereira (PP), fala de forma evasiva e solta sobre o projeto de lei: “Precisa aprimorar o dele, não tá 100% correto não. Porque infelizmente foi falado que por causa de três deputados a barragem caiu, e os três deputados que mataram 350 pessoas”. Percebe-se claramente que o deputado emite uma fala qualquer no intento apenas de se evadir do local da entrevista. Tadeu Martins Leite (MDB) que afirma ter contestado porque o texto era muito rígido e cheio de detalhes e a invasão de competências inviabilizaria a própria legislação.

Em todas essas entrevistas, o repórter Júlio investe em perguntas bem elaboradas e salientadas em aspectos importantes e críticos de todo o processo. A cada resposta de seus entrevistados, tendo como base seu posicionamento profissional e inquisitivo, o público

consegue identificar com transparência as evasivas dos deputados e ter um caminho interpretativo de pensamento para distinguir suas reais intenções, objetivos e prioridades. Como parte da avaliação desse cenário, é ao assistir os comandos e disposições de procedimento na Assembleia, em BH, que a audiência tem, mais uma vez, através do caráter investigativo e do comportamento decisivo da equipe de reportagem, informes suficientes para tomar consciência de como o problema foi lidado.

Nela, o presidente, deputado Agostinho Patrus (PV), decidiu finalmente instaurar a CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito. Havendo negado entrevista cinco vezes à equipe nas cinco semanas seguintes, os repórteres se encaminharam para a Assembleia na investida de acompanhar as decisões acerca da nova lei sobre segurança de barragens, mas o acesso de jornalistas na sala anexa ao plenário, antes sempre liberado, foi restrito por “deliberação da mesa”, segundo explica o assessor da Assembleia de MG. Em meio a tudo isso, o deputado João Magalhães (MDB), anunciou um novo relatório sobre o projeto de lei. De fora, portanto, da reunião, o novo relatório só pôde ser conhecido pela imprensa e por civis através da sala de espera, ouvindo a transmissão da imprensa oficial. O Ministério Público, que teve acesso ao rascunho, criticou alguns pontos, em discordância com a proposta e sinalizando a necessidade dela ser submetida “a uma acurada avaliação técnica e a um democrático debate social.”

O referido debate social democrático não estava para acontecer. O deputado João Magalhães (MDB) pretendia apresentar o texto no mesmo dia em que estava sendo elaborado e votar na manhã seguinte, porém, com o texto ainda em formulação, não informou nada publicamente. Ou seja, não existiu informe à população ou à imprensa. Além de tudo, o deputado também não quis dar declaração à imprensa a respeito da crítica do MP ao texto, fugindo dos repórteres e falando baixo enquanto andava mansamente, com o intuito notável de desviar de seus questionamentos. Isso é percebido pelos atores sociais da comunidade civil organizada, como os movimentos socioambientais presentes no enfrentamento, em espaço de fala da ambientalista Maria Tereza Corujo, do Movimento pelas serras e águas de Minas, que faz crítica à Assembleia porque eles não compartilharam o texto até cederem em decorrer da pressão, tardiamente, aprovando a realização de uma audiência pública.

No que circunscreve-se a este caso, a discussão acerca da instauração de uma CPI foi adiada, dando prioridade para a resolução do projeto de lei sobre a segurança de barragens, ao que as ONGs presentes reclamavam aos deputados da falta de acesso ao texto do projeto. Maria Tereza Corujo exprime, nessa audiência, a necessidade da disponibilização do texto para que todos ali pudessem estar no mesmo patamar de conhecimento em prol de haver uma discussão, ao que um deputado a interrompe no meio da fala, e diz que ela está tumultuando.

Ela então se senta, e as pessoas se manifestam indignadas, em apoio, defendendo que todos possuem o direito de saber. “Um projeto de lei que podia ter evitado o que aconteceu em Brumadinho e eu é quem estou tumultuando”, profere Maria Tereza, e vemos, logo após, um outro momento em que todos enunciam gritos de ordem, em manifestação, “O momento é agora!”. Um dos deputados, Coronel Sandro, do PSL, reclama de falta de respeito, causando, na verdade, gritaria e acusação, e perdendo sua postura. Ele se exalta e grita sob a desculpa de que estão desmoralizando seu trabalho, “Quem é você rapaz! Cês respeita os deputados aqui”, fala ele para alguém da plateia, e as pessoas respondem jogando notas de dólar para o ar. Neste momento, um enquadramento em close mostra o repórter Júlio, em pé diante da bancada, junto a outros da imprensa, com uma nota na mão, enquanto sua voz em off completa, “Uma chuva de notas aqui de dólar ó”.

Durante a execução da audiência, o presidente da Assembleia se reuniu com deputados e movimentos sociais em prol de chegar a um acordo comum, surgindo, assim, para as pessoas, uma esperança de ser aprovada uma lei de segurança de barragens com medidas mais rígidas. O projeto foi sendo formulado durante bastante tempo de conversa. A caminho da etapa final, a assinatura, Júlio questiona o deputado João Magalhães: “A audiência serviu de fato para alguma coisa ou foi muito só gritaria?”, e ele responde “Aquilo ali foi pra cumprir tabela” e que não serviu à ideia de uma audiência propositiva por causa do nível. Júlio fica notavelmente desconcertado enquanto pega essa resposta, e segue para acompanhar a assinatura do projeto.

Enquanto tentava autorização para adentrar a sala principal, via-se que os deputados ou se esvaíam de resposta, ficando calados e distantes da equipe, ou dificultavam e barravam sua entrada, sinalizando que não podiam assentir a tal pedido por respeito à hierarquia, “Ai já é o presidente. Por mais democrático que a gente seja, a gente tem hierarquia e a gente respeita ela”, diz o Sargento Rodrigues (PTB). A equipe então vai à espera do presidente, que ao chegar, já sinalizando que prioriza ir à reunião primeiro e não conceder entrevista, é interceptado por Júlio, que pede apenas um minuto, e recebe dele a autorização. O repórter lida com toda a situação com um posicionamento espirituoso frente ao clima fechado que se instaura no ambiente, falando coisas como “O presidente convidou a gente”, logo ao chegar, “A gente já levou uma portada do sargento hoje” e, quando finalmente adentra a sala, em resposta ao questionamento do Sargento de se eles foram autorizados a entrar, “O presidente deixou. O sargento já queria embarrear de novo”, ao que todos os deputados riem, criando claramente uma melhor adaptação da equipe no local.

A respeito da CPI, em questionamento do repórter, o presidente, Agostinho Patrus (PV), responde: “Nós temos que aguardar para poder ver o estudo da casa, a parte jurídica está olhando se todos os pressupostos legais estão cumpridos, se sim, a CPI será instalada”. A CPI só foi aberta em março, pois em fevereiro, os deputados ainda assinavam o projeto de lei sobre segurança de barragens para então submetê-lo à votação. É nesse momento que, ao assinar, o deputado João Vítor Xavier (PSDB), revela, “Talvez a assinatura mais feliz da minha vida”. O texto final continha as propostas sugeridas em 2018 pela iniciativa popular, e também algumas medidas rígidas, como obrigatoriamente a distância mínima de 10 km de qualquer povoado; a realização, pelas empresas, de uma reserva de precaução para indenizar vítimas e recuperar meio ambiente em caso de rompimento; e que todas as barragens construídas à montante, como a de Brumadinho e de Mariana, devem ser desmontadas em até três anos.

Aprovado dois anos e três meses após o rompimento da barragem de Mariana e um mês da de Brumadinho, a ação recebeu aplausos de ONGs, movimentos sociais e da sociedade civil organizada presentes. Em entrevista, o deputado João Xavier (PSDB), confessa alívio por ter cumprido seu dever, mas que não há o que comemorar com 300 pessoas mortas e diante de uma decisão que poderia ter sido tomada há muitas décadas pelo poder público de Minas. Dois meses adiante, o deputado anunciou sua saída do PSDB e ficou sem partido.

A ambientalista Maria Tereza concedeu fala de que não parecia nem verdade que finalmente haviam conseguido, e que no dia anterior, na audiência pública, foi tudo muito desgastante e que, claramente, estava um circo armado. Júlio pergunta sua opinião acerca da participação do povo e sua influência para tal resultado, e ela responde: “A sensação que eu tenho é que a forma como a gente tratou ontem, de escrachar e peitar, aquilo ali eu acho que foi o diferencial.”

De fato, é evidente que a participação da população na Assembleia, combinada também com os esforços da equipe de reportagem do Profissão Repórter na busca por acesso aos textos de projeto de lei, foram interferências decisivas para evitar a ocultação, por parte do Legislativo, de uma escolha importante e definitiva para os moldes da atividade mineradora no estado e da melhor forma de evitar seus riscos e possíveis atribuições para os cidadãos. As barreiras políticas e a falta de investimento firme por parte dos veículos de mídia nesse debate são obstáculos no ater-se à responsabilidade de segurança e proteção ao povo, dever do Estado. Uma árdua batalha foi finalmente vencida, mas esta insere-se em uma guerra

constante movida a ações táticas pelos diversos sujeitos que formam o que na realidade é um jogo político-social, que largou pelo caminho inúmeros danos irreparáveis.

3.3 Refugiados – Histórias De Peregrinação E Incertezas

A reportagem intitulada: *Refugiados que entraram na Europa clandestinamente*,²⁴ de 36 minutos, tem início com o registro de um bote chegando às margens de uma praia da Ilha de Lesbos, na Grécia. Algo que chama atenção logo de cara é a quantidade de pessoas que saem da embarcação, em desespero. Uma jovem passa mal por causa do frio. Em estado de choque, é atendida por médicos que compõem o grupo de voluntários em aguardo para auxiliar os refugiados, que realizam a travessia da Síria até ali.

A abertura do programa se inicia com flashes curtos, porém impactantes, do que será composta a reportagem. Caco Barcellos faz a primeira aparição, situando a audiência em horário e local sob os quais a narrativa será contada. Ele corre em direção ao lugar onde o barco irá aportar, e a mistura de sua voz, em narração junto ao desenrolar das cenas, é uma combinação instigante, passa ao público a sensação crua e real de estar no meio do acontecimento. Enquanto o farol de um novo barco se aproxima, uma fogueira dá luz a outros refugiados recém-chegados que se aquecem e conversam, o que compõe para o telespectador ainda mais um clima de inquietação e de presença naquela realidade. Cada detalhe da vivência que está sendo mostrada é passado ao público com uma quase delicadeza, um tratamento sutil das ocorrências; são registrados os sinais que os guardas fazem para os barcos, as palmas que todos batem a cada desembarque bem sucedido.

Outro fator de espontaneidade são as imagens da reação de alguns refugiados ao sair do barco, estonteantes por si só, que formam uma colcha de retalhos daquele episódio. Sem interferência, Caco Barcellos somente narra o que vê; Uma mulher chora, e crianças são retiradas com a ajuda de guardas; A moça que desmaiou recebe ajuda de médicos, ao mesmo tempo em que se ouve choros ao fundo; Logo a seguir, a voz de Caco fica embargada. Ele recobra o fôlego para continuar a narração. Neste momento percebe-se como se personifica uma das definições do jornalismo investigativo de Lage (2000, p. 61) “como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido.

²⁴ Ver em: “Profissão Repórter — Refugiados que entraram na Europa clandestinamente passam de 860 mil”, reportagem publicada em Globoplay. Disponível em: <http://bit.ly/2WgCORx>. Data de acesso: 15/09/20.

Em território europeu, ele prossegue, informando que a equipe do Profissão Repórter acompanhou o drama da travessia: mais de 800 mil pessoas atravessaram o mar Egeu fugindo das guerras e da pobreza da Síria. Após a vinheta de abertura, o repórter Victor Ferreira assume e mostra o início da viagem de uma grande quantidade de pessoas em busca de atravessar o continente, alguns com deficiência motora dentre os viajantes.

Desta forma, a estruturação do material jornalístico se forma com a exposição do direcionamento, visto já desde o início com o enunciamento feito por Caco sobre as famílias sírias e iraquianas que estão fugindo da guerra estão fugindo da mesma violência do ataque em Paris, em novembro de 2015; a visão dos mulçumanos sobre esta questão; a realidade árdua dos refugiados, que passam várias horas de viagem em um trem lotado e em caminhada a pé pelas fronteiras; o trabalho voluntário europeu. Com tudo isso, a equipe do Profissão Repórter circunscreve toda a problemática, fazendo uma apresentação geral no início, na abertura, para apenas depois adentrar na história dos personagens, pois se trata de um tema vasto e com implicância em diversos âmbitos sociais e políticos, e que ainda envolve vários países, apresentando os bastidores da notícia e os desafios da reportagem de forma propícia e satisfatória. Diante da riqueza em conteúdo da reportagem e da amplitude do material, o foco será em trechos da cobertura do fato, com o intuito de elencar alguns pontos e aspectos para a análise.

Por sua vez, a ambientação é introduzida e serve como um momento transitório de quebra do assunto pesado exposto na abertura. Os coletes salva-vidas abandonados nas areias das praias da Ilha grega de Lesbos, principal ponto de entrada daqueles que realizam a travessia, formam montanhas e dão a proporção da quantidade de pessoas que fazem a passagem. Porém, a imagem, embora chocante, não fornece a dimensão de todo o drama que se faz evidente a cada abordagem dos jornalistas, como quando Caco mostra um colete de tamanho pequeno, de criança, deixado ali mesmo, junto a algumas pedras às margens do mar. Outros indícios que evidenciam a atribulação desse percurso também são encontrados, como isqueiros e garrafas plásticas d'água vazias; ou ainda, como em uma parte da produção, filmada na Sérvia, que mostra a beira da estrada e as redes de esgoto repletas de roupas deixadas pelos refugiados ao conseguirem outras. No decorrer da reportagem, as montanhas de coletes acabam por fornecer, curiosamente, muita informação: formam um rastro que serve de guia para encontrar os primeiros passos dados pelos refugiados, o qual a equipe segue de uma praia para a outra e, dessa forma, encontra seus primeiros personagens. A descrição do cenário feita por Caco aparece aqui e ao longo da reportagem tal como citou Lima (2005, p.

187), “como um corte na dinâmica narrativa” cumprindo o papel de ambientação do espectador.

Por conseguinte, um grupo de quatro mulheres vindas do Reino Unido é apresentado. Presente em uma das praias, elas realizam trabalho voluntário, na improvisação de um acampamento com alimentos, colchonetes e lençóis para quem chegar por lá. Um outro grupo aparece logo após, formado por homens gregos desempregados que tiram o seu sustento do trabalho de coleta e reciclagem dos coletes salva-vidas espalhados pelas ilhas gregas. É a partir daí que Caco Barcellos introduz os dados, que intrinsecamente informam a urgência do assunto, como o de que, só em 2015, segundo a ONU, mais de 860 mil refugiados entraram de forma clandestina na Europa. Não é à toa que se inventou até trabalho dos resquícios disso; Diz respeito a uma problemática que envolve várias tramas e recortes, e que gerou uma enorme discussão acerca das regras de concessão de asilo político, de restrições em alguns países e até mesmo de políticas públicas de anti-imigração em alguns governos, como a construção de muros e a criação de leis para punir e deportar aqueles que entram irregularmente nos países.

As desventuras da guerra

Nesta reportagem, é mostrada a realidade de refugiados que vêm de países como Afeganistão, Irã, Iraque e, principalmente, da Síria, com o objetivo de atravessar todo o território da Turquia, cruzar de barco o mar Egeu e chegar até as ilhas gregas. Para cobrir toda essa conjuntura, o repórter Victor Ferreira faz um percurso que atravessa fronteiras para mostrar o itinerário dos refugiados; Enquanto ele narra, a ilustração de um mapa mostra os países: Macedônia, Sérvia, Croácia, Eslovênia, Áustria e Alemanha. Na Macedônia, próximo país para aqueles que atravessam a Grécia, Victor encontra um guia croata, Tin Dujmic, que fala português. Ao contatar policiais, recebe uma restrição que determina a composição da reportagem: nada pode ser gravado e deve-se desligar totalmente todo o equipamento. Ele explica ao público, portanto, com a câmera virada para seu rosto e em um formato que torna a gravação intimista e bem real, que, por estarem entrando em uma região de fronteira seria preciso uma permissão especial, mesmo sendo viajante legal no país. Por isso, a reportagem vai continuar a partir da Sérvia.

O processo de investigação é denso, é vivo e humanizado. É utilizada tática etnográfica na composição da reportagem, pois o repórter se imerge na jornada. Há uma vivência daquela realidade e uma adaptação da equipe para seguir os mesmos caminhos que

seguiram os refugiados. Uma característica que evidencia isso é a postura de Victor de ficar esperando os refugiados aparecerem, com a câmera pronta em uma estrada. A própria cena ambienta o telespectador no sentimento de estar ali, olhando os refugiados que vão passando pela estrada de terra, ao passo em que vai-se recebendo informações que induzem para a urgência do assunto, como a fala de Victor: “A Sérvia calcula que mais de um milhão de pessoas já passaram por essas estradas, fugindo de alguma guerra ou conflito. Em geral, são sírios”. A combinação de realidade expositiva com o direcionamento através de depoimentos e dados que firmam a temática é feita perfeitamente, posto que não cansa a audiência; Na verdade, causa impacto e interesse pelo problema ali indicado.

O mais interessante desta parte é o momento em que passa uma família com cinco crianças, e o repórter Victor pergunta: “Só uma família?”, e eles respondem que sim e continuam a caminhada dizendo; “Bye bye, Obrigada”, sorrindo. Mesmo com a dificuldade na comunicação por falta de fluência no idioma e diante do drama de precisar deixar suas casas e todos os seus pertences para vagar pelo mundo até encontrar um lugar para ficar, as pessoas impressionam por sua atitude positiva e amigável para com o repórter. Muitas fontes não aparecem creditadas durante suas falas por se tratar de pessoas que são pescadas rapidamente durante o seu trajeto e concedem falas rápidas; é o caso de uma mulher que está fugindo com seus quatro filhos, após seu marido ter sido torturado pelo Estado Islâmico. É a pessoas assim que o repórter colhe opinião acerca dos atentados em Paris. Esta mulher responde que o Islã não condiz com o que está sendo feito nesses atentados, que a religião islâmica não concorda com isso. Em pouco tempo, ela embarca em uma vã de ajuda humanitária, e assim, Victor perde o contato com ela. É tudo muito real, a realidade da guerra em movimento, as pessoas que precisam continuar a jornada não são personagens que se dão ao luxo de marcar uma entrevista. “Vamos começar uma nova vida”, direciona a mulher ao repórter. Em seguida se despede sorrindo e dizendo que gosta dele.

Na experiência de Caco Barcellos, destaca-se também o mesmo tipo de tratamento por parte dos refugiados. Quando parte para um outro ponto da Ilha de Lesbos no sentido de acompanhar o desenrolar de mais desembarcações, seu semblante demonstra o quão atordoado ele está com tudo aquilo. Ele permanece na tentativa de manter distância para permitir a passagem das pessoas e não ir logo em cima delas para pegar depoimentos naquele momento. Caco assume, assim, uma postura ética, empática, humanizada, desprovida de interesses; ele trata de apenas narrar e se contém, se afastando para as pessoas passarem, e assim segue, com o mesmo comportamento, apenas tomando notas captadas pelo que pode

absorver das cenas. Simultaneamente, uma imagem em plano aberto mostra várias pessoas em torno da fogueira sendo ajudadas e esperando.

É nesta hora que uma criança passa chorando nos braços de um homem. Minutos depois, na cobertura da próxima embarcação, Caco recebe um sorriso dele, que mantém a criança totalmente enrolada pelo colete salva-vidas até chegar em terra firme. A interação é natural, o jornalista consegue então fazer uma simples pergunta, “Está dormindo?”, e o homem responde que sim, enquanto passa. Momentos como este são flagrados em todo o desenvolvimento da reportagem: Um homem, ao descer de um bote, chega a dar um beijo na bochecha de Caco, demonstrando estar muito feliz e agradecido por estar ali, ainda que tenha precisado pagar 1.500 dólares para conseguir um lugar e, para tal, teve de fugir junto a seus amigos após serem agredidos por traficantes de pessoas na Turquia e obrigados a dar três mil dólares em dinheiro aos agressores. Também na Ilha de Lesbos, um grupo de homens mais velhos, interceptado por Caco, aproxima-se com sorriso no rosto; o contato é estabelecido de modo confortável, e ele aproveita para perguntar a um rapaz: “Você está feliz?”, e ele responde: “Estou feliz porque estou aqui”, soltando os braços como em uma afirmação animada.

Caco logo sorri também e acompanha o grupo de 15 jovens que estavam ameaçados de morte no Afeganistão. O mesmo rapaz conta que era funcionário da OTAN, Força Militar Ocidental que combate o terrorismo. Todos seus amigos estão incredivelmente felizes por estar em território europeu e pretendem seguir viagem para a Alemanha. Acenam para a câmera ao entrarem em uma vã. Caco cruza novamente com eles e o rapaz mostra com alegria seu registro para poder viajar dentro da Grécia. Seu amigo, mostra fotos e conta: “Esse sou eu, nós escapamos da polícia do Irã”. Ex-tradutor de uma agência de turismo, ele declara que o Talibã, grupo radical islâmico, o proibia de falar com os estrangeiros, além de muitos outros impositivos que o fizeram deixar seu país. “Eu tinha que sair do meu próprio país, eu corria riscos lá. Ninguém quer deixar o seu próprio país, mas o que eu posso fazer? ”.

No que concerne às políticas públicas para a chegada de refugiados, aos poucos, cada país estabeleceu suas medidas. A produção mostra esse contexto de forma bastante criativa e atrativa. No mesmo mapa dos países utilizado para ilustrar o percurso mostrado anteriormente, agora aparecem vídeos, simbolizando a procedência de cada país com a chegada dos refugiados: os que fecharam as fronteiras, como a Hungria; e os que agiram com solidariedade e voluntariado, como Suécia, Dinamarca e Alemanha.

É com essa apresentação sucinta e informativa, que puxa-se o gancho do rumo da reportagem: os atentados na França, em Paris, onde adicionaram uma nova perspectiva mundial para a problemática dos refugiados. Muitos países se fecharam, como é mostrado nesse painel, no caso dos manifestantes que foram às ruas na Alemanha, contra a aceitação dos refugiados. E aqui vemos o resto do direcionamento, na voz do repórter Victor Ferreira: “Ironicamente, a maioria dos que enfrentam a longa travessia da Europa está fugindo dos mesmos terroristas que mataram 130 pessoas na França, os extremistas do Estado Islâmico (ISIS).”

É neste momento que começam a aparecer as histórias, os personagens desse drama, realidade para esses cidadãos desde a Primavera Árabe, que iniciou-se no final do ano de 2010. Período repleto de transformações históricas no curso da política mundial, a Primavera Árabe foi desencadeada pela derrubada do poder do ditador Zine El Abidini Ben Ali, na Tunísia, em dezembro de 2010, o que inspirou, por todo o Oriente Médio e pelo norte da África, uma onda de protestos e revoluções contra diversas formas de autoritarismo e ditaduras. Seguem em processo de revolução ou pós-revolução, os países: Tunísia, Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã.

Na Síria, a revolução encontra-se em decorrência até o ano atual de 2020. Os protestos acarretaram uma Guerra Civil, na qual civis se rebelaram contra o governo com o apoio do Exército Livre da Síria, que, juntando-se a militares desertores, formaram a oposição, em 2011, às tropas do governo do ditador Bashar al-Assad, que governa desde 2000 e advém de uma família que está no poder desde a década de 1970, há 49 anos.

A ajuda que as pessoas afetadas conseguem vêm muito da ação de voluntários e ONGs ligadas à causa. No campo de voluntariado, vê-se que pessoas de vários lugares da Europa servem homens, mulheres, adolescentes e crianças refugiadas, com comida, roupas, e o que mais for de necessidade básica. Na cozinha improvisada, algumas pessoas preparam a comida, enquanto fora dela outras distribuem roupas. Miguel Ângelo, voluntário português, afirma que há sempre muitas crianças, e que são muitas as que não têm pais, certamente mortos na guerra. De acordo com ele, mais de mil ou duas mil pessoas chegam até lá todos os dias. Novamente, o mapa situa o telespectador em Lesbos, onde mais voluntários, da Cruz Vermelha, estão a postos em um dos pontos do desembarque que atravessa o mar Egeu, para aqueles que vêm da Turquia. Um grego, socorrista há 32 anos, conta que só em uma semana já acompanhou a chegada de 30 barcos, dos quais um naufrágio matou 25 pessoas.

Assim como a descrição e narração, o diálogo é constante na reportagem, as pessoas falam, se emocionam, pois os repórteres entendem que como afirmara Bakhtin (1993), é

impossível representar adequadamente o mundo ideológico do outro sem ouvir suas próprias palavras.

O contraste entre as embarcações que não têm sucesso e as que têm é mostrado no momento seguinte, quando Caco Barcellos segue em busca de mais histórias e pontos de vista, viajando de carro até outro ponto da ilha, no qual um outro grupo de refugiados havia acabado de chegar de uma travessia de duas horas. Apesar de não ter sido filmada no momento exato, esta mostra as pessoas calmas e sentadas conversando, o que por sua vez já concede alguma informação: Na noite, o perigo é muito maior, pois a temperatura cai, aumentando os riscos para a travessia e, assim, os voluntários ficam de plantão, acendendo fogueiras como forma de sinalizador à distância para as embarcações, como é mostrado na próxima desembarcação, que acontece às oito horas da noite. Caco e equipe já estão a postos, prontos para captar os esforços dos voluntários. Ao avistar a luz da embarcação, um homem solta um sinalizador.

Conforme atesta a narração de Caco, o barco chega lotado, e as pessoas se desesperam na hora do desembarque; As imagens mostram uma mulher que cai, precisando se segurar nas outras pessoas; homens gritam enquanto retiram crianças do barco e mais algumas pessoas caem ao sair, mergulhando na água e tentando se sustentar em pé, ao mesmo tempo em que outras passam com crianças pequenas, de colo, chorando em seus braços. Uma mulher recebe ajuda para andar, pois sente muita dor, e depois, já sentada no chão, chora, em estado de choque. Um rapaz desabafa: “Todos os sírios precisam fazer isso para ter uma vida segura. Bashar al-Assad matou 1.500 pessoas em apenas uma hora, incluindo crianças e mulheres e ninguém fez nada. Nós estamos como animais aqui. Somos médicos, engenheiros, farmacêuticos, todos têm formação”.

Um dos aspectos mais intimistas da reportagem é quando o cenário volta para a Sérvia, na cidade de Presevo. O repórter Victor Ferreira está filmando quem chega para pegar o trem na primeira cidade do país. Desenhos de um trem em um papel é o que sinaliza o local. É mostrado o momento em que o próprio repórter concede informação aos refugiados sobre o local de partida do trem, dado que eles não têm e precisam para saber como seguir viagem. Desta forma, Victor Ferreira realiza etnografia pura, pois não só participa e observa a realidade, como também interage, vivencia.²⁵ Algumas pessoas param ao redor de fogueiras enquanto aguardam a chegada do próximo trem, e é neste momento que Victor expande ainda

²⁵ A noção de reportagem etnográfica que embasa essa compreensão vem de leituras de material da jornalista Isabel Travancas, formada na PUC-RJ, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ e doutora em literatura comparada pela UERJ.

mais o foco nas condições de viagem daquelas pessoas, em registro de sua busca por informações acerca do estado do banheiro da estação, utilizado por muita gente diariamente e em situação deplorável de sujeira. O repórter também entra no trem para seguir viagem com as pessoas.

Ao falar com um rapaz de 20 anos que deixou Kabul, capital do Afeganistão, há um mês, a reportagem também se molda, numa pausa em que Victor se prepara para entrar com a câmera e filmar o processo de entrada de seu entrevistado. Esse respiro mostra exatamente a jornada do jeito que ela é; quem conduz essa parte é a fonte. As pessoas estão em um trem lotado. Pagam 15 euros cada e viajam separados de outros passageiros. Crianças e adultos comem juntos, de forma improvisada. Um casal de irmãos de 6 e 8 anos conta sobre a viagem para Victor. A menina apresenta os pais com um sorriso no rosto. A cena quase retira o telespectador magicamente da realidade crua a qual está assistindo: Ela anda pelo corredor do trem, desviando de pessoas e balançando os braços, enquanto aponta para a avó e o tio, e estes sorriem ou sinalizam em resposta. O garoto mostra o que escolheu levar na mochila, um close revela brinquedos: um avião de plástico pequeno, uma escavadeira, um tigrão de pelúcia.

Aventurando-se por seis países com a etnografia

O repórter filma a si mesmo com a câmera, no modo frontal; enquanto se senta, deixa gravando, o que pega uma imagem boa das pessoas em viagem, cenas rápidas, como a da janela mostrando o caminho lá fora. Come de forma improvisada junto ao guia croata, Tin. Dois passageiros ao lado deles acenam para a câmera, e o clima, apesar de tudo, é de bem estar. Algumas pessoas estão com bebês de colo ou crianças maiores dormindo em seus braços. O menino de 8 anos cuja bolsa está cheia de brinquedos, agora alimenta um bebê em seu colo com uma mamadeira. Ele sorri para a câmera, e é neste instante que a voz do repórter narra: “O trem cruza os campos da Sérvia, levando muito mais sonhos do que bagagens. Quem foge de uma guerra não tem muito o que carregar”. Em uma viagem até a fronteira da Croácia que durou 19 horas sem sair do trem, as pessoas fazem o que têm de fazer do jeito que dá. Uma mãe limpa um bebê ali mesmo. Um momento de cantoria ao ritmo de palmas batidas se inicia quando a noite chega, e não demora muito para as pessoas serem vistas deitadas sobre as cadeiras, dormindo. Logo todos estão dormindo, nos assentos ou no chão, uns por cima dos outros.

Tal registro só se torna possível devido à peregrinação do repórter. Na investigação, o grosso é em campo, em inserir-se nas viagens dos refugiados e na convivência com eles, nisto

se dá a prática do jornalismo etnográfico. A jornalista e mestre em Antropologia Social, Isabel Travancas, aponta que após a Escola de Chicago, a antropologia expandiu-se, e no final no século XX um grupo de cientistas sociais direcionou suas pesquisas para os grandes centros urbanos, — antes, o antropólogo realizava etnografia tendo como objeto de estudo o exótico; uma sociedade de códigos, lógicas, maneiras e comportamentos diferentes da sua — e a etnografia se aplica, então, como olhar a sua própria sociedade com olhos de um estrangeiro em busca de significados, utilizando do método de pesquisa qualitativa e empírica, ou seja, de ida à campo, em “mergulho” total na vivência analisada.

Ela também define como essencial a necessidade de uma pré-pesquisa de levantamento bibliográfico do tema a partir da leitura de clássicos e atualidades sobre o assunto, a fim de que o pesquisador saiba como funciona e o que esperar, inclusive a respeito de riscos, e deve-se preparar para todas as ocasiões. Seu objetivo é registrar as questões primordiais para o estudo de determinado tema, e obter as respostas a elas o mais fiel possível à realidade; para isso, deve estabelecer no local de estudo uma “observação participante”, instituindo a observação e a escuta das fontes sem interferir na captação dos questionamentos além dos breves apontamentos e pedidos de esclarecimento acerca do assunto. É exatamente assim que Victor Ferreira e Caco Barcellos agem no desenrolar da reportagem: seu produto final é “fruto de muitas vozes”, conforme designa Travancas.

Em desencadeamento para o final da produção, o trajeto dos refugiados é mostrado: todos os que chegaram na Ilha de Lesbos precisam seguir de navio para Atenas e o destino final da maioria é a Alemanha. Ao visitar o terceiro país, a Croácia, em Slavonski Brod, onde os trens são oferecidos de graça pelo governo, as imagens que tomam conta da tela são as de adolescentes e crianças acenando e sorrindo para a câmera através das pequenas janelas dos trens, todos um ao lado do outro, e os voluntários, do lado de fora, cumprimentam e falam com eles. No desembarque, as pessoas pedem informação, e mais uma vez Victor é quem concede, em interações ágeis e rápidas: “Essa mulher tá pedindo um médico aqui, e ele veio perguntar pra gente que país é esse”. Do outro lado de uma barreira para os passageiros, um homem passa a informação da pergunta de Victor a outro, e este responde que está há um mês viajando com a família inteira vindo da Síria.

Na Croácia, os refugiados também dispõem de asilo, porém a maioria segue viagem. Após serem registrados, todos são levados para um acampamento para passar a noite, e no dia seguinte seguir viagem para a Eslovênia. A história que mais chama atenção aparece aqui. Na estrada, em fila a caminho do trem, um homem está com sua esposa, que empurra o filho em uma cadeira de rodas. Há um mês fugindo da Síria, o homem conta que colocou o filho no

ombro e foi cruzando a pé da Síria para a Turquia. Toda a sua família ficou na Síria: mãe, dois irmãos e quatro irmãs. Seu destino é qualquer cidade da Alemanha, e por causa da necessidade de seguir viagem, a entrevista é encerrada. O repórter ainda capta imagens dos voluntários da Cruz Vermelha em auxílio na entrada do menino com deficiência motora no trem, e o homem pede desculpas por não poder mais falar com Victor.

Os trens atravessam a Croácia com mais de mil refugiados cada. A reportagem observa que, há 20 anos, eram os croatas que deixavam o país durante a guerra contra a Sérvia; A imagem de um garotinho indo bater na mão de um guarda croata junta-se à fala do guia, Tin, que revela que no caso deles, a viagem não era tão longe e precária, “A Guerra dos Balcãs foi bem sangrenta, uma barbárie humana. O que eles estão passando no seu país é mais ainda, minha opinião. Nós aqui sabíamos contra quem lutar, quem era o inimigo. Eles aí não sabem. Os que estão fugindo é porque simplesmente não sabem contra quem ou contra quem estão lutando”.

Os recortes que tocam transversalmente a problemática

Em continuação, um outro recorte é feito na temática. O mapa situa o telespectador de que a história continuará a ser contada na França, em Paris, e Caco aparece falando em um carro, acompanhado do repórter francês, Pierre Morel, colaborador que já fez várias reportagens para o Profissão Repórter. As próximas cenas misturam a conversa no carro e cenas que mostram as homenagens feitas em uma das praças de Paris, com velas, muitas flores e cartas. A narração avisa: “Visitamos a capital francesa para tentar entender como os atentados poderão influenciar a vida dos muçulmanos na Europa.”, e mais imagens de homenagens nas ruas e de pessoas reunidas em torno delas se juntam a imagens em plano aberto do trânsito e de detalhes da cidade.

As cenas das homenagens dão enfoque nas mãos das pessoas acendendo velas. Logo após, um contraponto é apresentado: os discursos de intolerância. O jornalista Pierre Morel, intermediado por Caco, que passa o microfone de uma pessoa para outra, conversa com dois cidadãos franceses e extrai suas opiniões. Eles dizem que é preciso merecer ser francês e que a França iria acabar virando árabe se recebesse tantos refugiados. É mostrada também a opinião divergente de um jornalista português, Antônio Martins, que alega que o fluxo migratório não é um componente na situação da França, e as pessoas que estão fugindo da Síria são as mesmas que fugiram do Bataclan nos ataques em Paris. Ele adverte para o perigo de um fortalecimento do Estado Islâmico caso os refugiados sejam rejeitados pela Europa, e

ainda para o fato de que a maioria deles são pessoas com formação, que estariam prontas para ingressar à Síria imediatamente assim que a guerra acabar.

Com as imagens sempre registrando o corriqueiro e habitual cenário, a reportagem volta para a Croácia, em Slavonski Brod, onde o repórter Victor Ferreira não pôde embarcar no trem, e então cruzou as estradas do país até a próxima fronteira: Eslovênia, o quinto país europeu por onde passam os refugiados tentando chegar na Alemanha. Já pela vista do caminho, é possível ver a cerca que o governo esloveno construiu para evitar que os refugiados passassem caminhando, e assim, eles são levados de trem até a próxima parada. A ajuda que recebem é a de pessoas comuns, como as de um vilarejo, os moradores ajudaram com o que tinham em casa, principalmente comida. Lá, os refugiados passaram pelas ruas, e após a cerca que foi colocada para fechar a fronteira, todos ficaram em tendas em frente às casas durante cerca de quatro dias.

É aqui que chega-se à problemática posta em questão desde o início da crise dos refugiados: os países Macedônia, Sérvia, Croácia, Eslovênia e Áustria, por onde eles passavam, começaram a temer que a Alemanha não fôsse mais aceitar recebê-los, o que levaria a uma reação em cadeia de fechamento das fronteiras. Assim, os refugiados enfrentavam qualquer tempo para cruzar o resto do caminho na Áustria em direção à Alemanha; é mostrada uma imagem da ponte e de pessoas passando por ela e sumindo, em câmera lenta, enquanto o repórter acrescenta que, só no ano de 2015, 1 milhão e meio de refugiados pediram asilo na Alemanha.

Passando rapidamente sobre outros recortes feitos no tema, Caco Barcellos finaliza a reportagem em viagem de metrô até Bruxelas, na Bélgica, por ser o país da Europa que tem o maior número de jovens que saem para lutar nas guerras do Oriente Médio. “Mais de 500 fazem parte do exército do Estado Islâmico. Segundo a polícia Belga, a principal base de formação deles está aqui em Molenbeek. Lá vivem 80 mil muçulmanos, a maioria imigrante do norte da África e Oriente Médio”, informa Caco, prestes a visitar uma praça cercada de lojas e edifícios que ficou famosa por ser onde moravam três dos terroristas que atacaram Paris. Ele conversa com uma professora nascida na Bélgica, mas de origem marroquina, que há 10 anos realiza trabalho social com a juventude de Molenbeek.

A reportagem ainda mostra dados, como a taxa de desemprego, que está na faixa de 40%. Ao andar pelas ruas de Molenbeek, Caco ainda conhece uma moça de família muçulmana, filha de imigrantes do Marrocos, e questiona-a acerca de sua opinião a respeito da associação dos grupos radicais nos atentados em Paris com a religião muçulmana. Estudante de Comunicação, ela conta que estuda Jornalismo para contar histórias que ajudem

a diminuir a discriminação contra os muçulmanos. Completa-se o quadro com o depoimento emocionado de uma outra estudante de Jornalismo, Tainá Mendonça, filha de brasileira, mas nascida e moradora da Bélgica. Por fim, Barcellos se dirige ao escritório de uma empresa especializada em investigação dos grupos terroristas, a agência ESISC. A diretora, Evgenia Gvozdeva, indica que a conexão entre o movimento de refugiados e a situação da Bélgica é consequência de décadas de falta de integração desses imigrantes, e alerta, assim como o fez o jornalista português, que esse pode ser um aspecto decisivo na criação de um território fértil para espalhar o radicalismo do Estado Islâmico.

Desta forma, a reportagem é finalizada com depoimentos sobre a situação acarretada na vida dessas pessoas. O áudio das vozes do casal de irmãos de 6 e 8 anos que pegaram o contato do repórter Victor no trem da Sérvia, junta-se a fotos mandadas por eles que mostram um quarto em um abrigo para refugiados, na Bélgica. Em vídeo, o pai das crianças pede ajuda, e mostra como estão alocados: "Estamos em três famílias, num único quarto com sete camas. A minha mãe idosa está ali, — a senhora aparece deitada em uma das beliches — aqui faz muito frio, eu não sei o que fazer. Por favor, se você puder, me ajude".

Logo, é recapitulado também o depoimento de um dos voluntários da Grécia, um homem que trabalha como executivo em uma empresa holandesa e que usou suas férias para fazer parte do voluntariado aos refugiados. Ele descarrega: "Nós estamos falando de seres humanos. Eu acho que é muito importante vocês mostrarem isso porque o mundo precisa saber sobre o que está acontecendo aqui". Os créditos sobem com imagens dos barcos, das pessoas em torno das fogueiras, do trem e do repórter Victor Ferreira com a câmera a postos.

Igualmente ao que acontece na reportagem de Brumadinho, o uso documental se faz presente, utilizando-se de conteúdos jornalísticos tais como reportagens, artefatos documentais e registros audiovisuais para esclarecer o espectador e comprovar o que os repórteres afirmam. A exemplo disso está a arte do mapa dos países que contém o percurso dos refugiados, que aos oito minutos de reportagem é utilizada para mostrar vídeos de diversas reportagens da mídia, noticiando a forma como cada país operou diante da chegada dos refugiados aos montes no Ocidente. Os recortes feitos transversalmente à temática abordaram pontos-chave para o desencadeamento dessa questão e para a atual situação dos refugiados no mundo, e assim contribuíram para o entendimento da conjuntura completa ao máximo do problema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo se fundou baseado na objetividade, agilidade e atualidade dos assuntos abordados. Criou-se assim um mercado de trabalho repleto de regras, ordens e metas, em função à sobrevivência ao capitalismo, o que gerou para o Jornalismo uma estrutura no formato comercial. O próprio serviço de radiodifusão no Brasil opera as concessões em uma Lei de Regulamentação de Mídia desatualizada, construída nos moldes da época; o serviço de radiodifusão, surgido na década de 30, e a aprovação do Código Brasileiro de Telecomunicações, em 1962.

A regulação da radiodifusão se deu da seguinte forma: foram promulgados os Decretos nº 20.047, em 27 de maio de 1931, e nº 21.111, em 1 de março de 1932. Constavam que as concessões de rádio no país seriam por decreto do presidente da República, e o serviço destinado a atender ao interesse nacional, voltado a propósitos educativos, outorgados à empresas nacionais, dirigidas por brasileiros, fato que firmou a centralização do poder na mão de poucas pessoas. Famílias e companhias que detêm toda a atuação nos meios de comunicação, e inclusive realizam a propriedade cruzada, termo que designa uma concentração da propriedade na qual um grupo empresarial possui mais de um tipo de veículo de comunicação.

Tudo isso causou a falta de pluralidade e diversidade na mídia, o que implica também no tipo de conteúdo a ser transmitido. Cada veículo de comunicação de rádio, TV, jornal impresso, revista e etc, possui linha editorial e direcionamentos quanto ao tratamento dos fatos para divulgação. Com a ausência de pluralismo, o discurso político e as opiniões de uma sociedade podem ser facilmente influenciadas e até mesmo manipuladas por aqueles que detêm poder. A credibilidade, como aponta Serra (2006b), é um atributo construído através de uma relação entre o produtor/emissor da informação e o receptor. A figura de credibilidade do jornalista já é uma máxima para a audiência, as pessoas construíram o costume de esperar para ver uma notícia passar na TV para atribuírem a ela a certeza de veracidade. Foi assim que, durante a ditadura militar brasileira, tanta gente concordou e apoiou o autoritarismo. Os governantes de um país podem facilmente usar de tudo ao seu dispor para alcançar seus objetivos, e isso inclui o poder da informação.

Durante a ditadura, em 18 de setembro de 1950, a televisão foi inaugurada no Brasil por Assis Chateaubriand, que utilizou do modelo norte-americano, com raízes no livre mercado, para realizar a primeira transmissão televisiva brasileira, já que aprovava o sistema dos EUA, que foi o primeiro país a inaugurar a televisão no mundo na cidade de Nova York,

em 1941, pela NBC (National Broadcasting Company), rede de televisão e de rádio comercial pertencendo à RCA (Radio Corporation of America) nos Estados Unidos. Com os decretos de radiodifusão, o governo já detinha o poder de censura, o que aconteceu durante a ditadura, já que estava “a juízo do Governo”, rever ou substituir as frequências distribuídas e suspender a execução do serviço, inclusive sem qualquer indenização aos concessionários, a qualquer tempo.

A predominância da atividade privada se deu de forma certa, além do mais, com a possibilidade oferecida pela lei de veiculação de anúncios através da livre iniciativa em busca de obter lucro. Não havia muito espaço para iniciativas populares tais como rádios comunitárias, ou até mesmo TVs públicas, como é o caso, por exemplo, da Inglaterra, com um histórico de emissoras públicas como por exemplo a BBC (British Broadcasting Corporation). A universalização do serviço público não foi priorizada; ao invés disso, deu-se lugar à exploração comercial do serviço. Posteriormente, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações consolidou as premissas e os compromissos essenciais do sistema de radiodifusão do Brasil como sendo; a finalidade educativa e cultural; a exploração comercial por empresas privadas; a centralização do poder de outorga e renovação ao Poder Executivo. Ou seja, prevalecia a atribuição de poderes arbitrários ao Poder Executivo, tal que só foi ainda mais intensificado com a ditadura militar.

O fazer jornalístico deveria e deve operar para a sociedade e não para uma empresa. O “interesse público” é abordado na academia enquanto requisito primordial para a elaboração de uma pauta. Mas não é bem assim que funciona. A promessa de transparência e imparcialidade escondem direcionamentos em torno do fato com objetividades subjetivas. Toda pauta que passa pela mão de um jornalista e sua equipe detém recortes, perspectivas subjetivas e, portanto, uma visão parcial. O que poderia assegurar o público de transparência da informação seria o conhecimento de que cada veículo informativo é, sim, subjetivo, mas que se compromete em explicitar os caminhos que o levaram aos resultados disseminados em suas produções.

O grande problema do nosso país é o investimento precário nos âmbitos de educação e saúde, e se o Jornalismo propõe prestação de serviço e fornecimento de informação, poderia se comprometer até o fim em auxiliar a sociedade a conhecer os seus direitos e a lutar por eles. A atividade é, até mesmo, considerada como o “quarto poder”, em expressão criada para qualificar o poder das mídias com relação aos outros três poderes do Estado democrático, Legislativo, Executivo e Judiciário. Venício A. Lima é pioneiro nos estudos de Comunicação Política e um dos maiores pesquisadores da área, e estuda a regulação das comunicações

publicando textos sobre desde 2006. Para ele, a expressão “quarto poder” diz respeito ao que “trata-se de um poder informal, que opera como agente importante, mas sem ter sido eleito pelo povo. Um quarto poder que passa a ser fundamental para a fomentação da democracia, assumindo papel de fiscal dos outros três poderes”.²⁶

O jornalismo alcança as pessoas justamente por estar dentro do sistema, assumindo o encargo de explicar para elas a realidade dos fatos, a intenção das pessoas, os meios em que se formam a realidade. É por esta razão que acredito em uma abordagem jornalística mais profunda e voltada a esmiuçar o fato, trazendo para o público-alvo as perspectivas, características e as formas com que as coisas acontecem no mundo, em propósito de, de fato, causar conscientização e empoderar os cidadãos a transformar suas realidades para melhor.

É por isso que é utilizada como referência, neste estudo, a produção de Caco Barcellos e sua equipe no programa Profissão Repórter. Um expoente no cenário de jornalismo investigativo brasileiro, o programa, há 15 anos, exerce função representativa de um tipo de investigação jornalística com a busca pelo ideal adequado de aprofundamento, carregando em si ainda um viés humanitário, uma narrativa formada por depoimentos, dados e artefatos documentais que comprovam a importância de cada assunto abordado, e ainda um mergulho na área etnográfica em sua conduta para com as fontes em muitas de suas reportagens já produzidas.

As reportagens analisadas aqui demonstram muito bem esta conjectura, uma vez que a priori, a de Brumadinho carrega em si grande carga de sensibilidade, prestação de serviço, representatividade das fontes e ainda fiscalização do poder público de forma excepcional e, por sua vez, a dos Refugiados apresenta, da mesma forma, abundância em humanização, sensibilidade, empatia e voz às fontes apresentadas, ambas então com sua possibilidade de acrescentar de algum modo melhorias para alguns cidadãos que carecem de visibilidade, de espaço para clamar por justiça, direitos, igualdade e dignidade.

Deste modo, entende-se que ambas reportagens alcançam certo nível de transformação social pois desvenda detalhes, nuances de problemáticas que uma matéria mais factual não seria capaz de evidenciar. Por outro lado, o caráter de denúncia presente nas coberturas acabam por forçar certas instâncias de poderes (público e privado, como no caso da reportagem sobre a barragem de Brumadinho), à ações que a falta de visibilidade pública provavelmente não provocaria. Por fim, sustenta a premissa de que ocorre sim transformação

²⁶ Ver em: “Não há democracia sem uma mídia plural e diversa”, matéria publicada em Cut Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/33dY4ez>. Data de acesso: 25/11/20.

social também por despertar o olhar crítico da sociedade, que uma vez informada com propriedade, igualmente fará, na medida do possível, mudanças à sua volta.

Este é um olhar, uma análise de produtos jornalísticos ricos e complexos e, portanto, passíveis de outras inquirições. Os assuntos abordados foram pensados como uma forma de embasar o que já foi feito e dito a respeito desta tão relevante profissão, em busca de proporcionar debates e discussões em torno de novas possibilidades a serem fortalecidas pela própria área profissional e acadêmica, de forma a inspirar todos aqueles que tiverem acesso a adquirir conhecimento desta importante questão, fundamental para aperfeiçoar e acompanhar os caminhos do jornalismo brasileiro, marcado tantas vezes pelo uso indevido de sua prática. Assim, diante das metas traçadas e do percurso teórico trilhado, este trabalho se apresenta como contribuição valiosa para aqueles que se interessem em aprender, analisar e apreciar a vertente investigativa do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.
- BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARCELLOS, Caco. **Nicarágua – A revolução das crianças**. 3.ed. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1982.
- BARCELLOS, Caco. **Rota 66 – A história da polícia que mata**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FENAJ. **O Código de Ética do Jornalismo Brasileiro**. Congresso Nacional dos Jornalistas, 1987.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem**. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **A importância da descrição**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.
- LIMA, Venício Arthur de. **Regulação das comunicações – História, poder e direitos**. São Paulo: Paulus, 2011. 256 p. ISBN: 978853491955.
- NOBLAT, Ricardo. **Sem investigação não há jornalismo**. Observatório da Imprensa. Ed. 675. 2012. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed675-sem-investigacao-nao-ha-jornalismo/>>. Acesso: 17 de setembro de 2020.
- SERRA, Paulo. **O princípio da credibilidade na seleção da informação mediática**. 2006b. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-credibilidade-selecao-informacao.pdf>. Acessado em 25 de nov. de 2020.
- TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 98-109.

UNESCO. **A investigação a partir de histórias** – Um manual para jornalistas investigativos. 1.ed. Rio de Janeiro. Editora: UNESCO, 2013.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam, 2001.

ANEXOS

Repórteres que participaram da reportagem sobre Brumadinho, respectivamente: Mayara Teixeira, Erik Von Poser, Danielle Zampollo e Júlio Molica.



Fonte: Globoplay

Repórteres que participaram da reportagem sobre Refugiados: Caco Barcellos e Victor Ferreira.



Fonte: GloboPlay, Rede Globo